

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT) EM IMPLANTAÇÃO
UNIDADE ACADÊMICA INSTITUTO DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO PROFISSIONAL

CLEUBER APARECIDO DA SILVA

**A TERRA, A PELE, O AXÉ EM
TORTO ARADO – Literatura e Ensino de História**

**CATALÃO/GO
2023**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

DESPACHO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO (UFCAT)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Catalão (UFCAT) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFCAT), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFCAT é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: Relatório e Produto Educacional

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Cleuber Aparecido da Silva

3. Título do trabalho

A TERRA, A PELE, O AXÉ EM TORTO ARADO – Literatura e Ensino de História

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor



Documento assinado eletronicamente por **Regma Maria dos Santos registrado(a) civilmente como REGMA MARIA DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 18:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleuber A Da Silva registrado(a) civilmente como Cleuber Aparecido da Silva, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 19:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0005615** e o código CRC **D8D1420D**.

CLEUBER APARECIDO DA SILVA

**A TERRA, A PELE, O AXÉ EM
TORTO ARADO - Literatura e Ensino de História**

Relatório de defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, da Unidade Acadêmica Instituto de História e Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG) / Universidade Federal de Catalão (UFCAT) em implantação, como requisito para obtenção do título de Mestre em História vinculado a Linha de pesquisa 1: Cultura, Linguagens e Ensino de História.

Orientadora: Professora Doutora Regma Maria dos Santos.

**CATALÃO/GO
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFCAT.

Silva, Cleuber Aparecido da
A TERRA, A PELE, O AXÉ EM TORTO ARADO - Literatura e
Ensino de História / Cleuber Aparecido da Silva. - 2023.
80, f.

Orientadora: Profa. Dra. Regma Maria dos Santos.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Catalão, Instituto de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de
Pós-Graduação em História, Catalão, 2023.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras.

1. Literatura. 2. História. 3. Racismo. 4. Terra. 5. Resistência. I.
Santos, Regma Maria dos, orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, número 1120, - Bairro Setor Universitário, Catalão/GO, CEP 75704-020
Telefone: - - <https://www.ufcat.edu.br>

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 143 da sessão de Defesa de Dissertação de **Cleuber Aparecido da Silva**, que confere o título de Mestre em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração: História, Cultura e Formação de Professores.

Aos **seis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e três**, a partir da(s) **14h00m**, realizou-se de forma remota, com o link: meet.google.com/pfn-pwzg-pnn a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada: **A TERRA, A PELE, O AXÉ TORTO ARADO – Literatura e Ensino de História**. Os trabalhos foram instalados pela **Orientadora Professora Doutora Regma Maria dos Santos - (PPGHMP/INHCS/UFCAT)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Professor Doutor André Luiz de Souza Filgueira - (UFPA)** membro titular externo e o **Professor Doutor Radamés Vieira Nunes - (PPGHMP/INHCS/UFCAT)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho de forma a estabelecer melhor vínculo com o conteúdo. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **Aprovado**. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Regma Maria dos Santos**, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **seis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e três**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

A TERRA, A PELE, O AXÉ EM TORTO ARADO – Literatura e Ensino de História



Documento assinado eletronicamente por **RADAMES VIEIRA NUNES, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/12/2023, às 17:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **André Luiz de Souza Filgueira, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regma Maria dos Santos registrado(a) civilmente como REGMA MARIA DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 06/12/2023, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufcat.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0017832** e o código CRC **2C0BF038**.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, a minha esposa, aos meus filhos, aos meus irmãos, aos meus familiares, amigos e a minha orientadora Regma Maria dos Santos.

AGRADECIMENTOS

À Dona Celcina, minha mãe e professora, quem primeiro me inspirou a enveredar pelos caminhos do magistério e ao meu pai Antônio (guardado na memória), a quem devo o apreço pelas coisas simples e instigantes da vida.

À Helenice, esposa, companheira e amiga.

Aos meus filhos, João e Thaísa, pela admiração e incentivo.

Ao meu irmão Waldir e às minhas irmãs, Valquíria e Cléia, pela fonte de inspiração.

À diretora da escola municipal Pedro Netto Paranhos, Cibele, pelo compromisso com a educação e por viabilizar meios para que eu assistisse às aulas e cumprisse as disciplinas.

Ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional: História, Cultura e Formação de Professores da UFCAT e a seus docentes, pela luta diária na valorização da Educação e do professor que, mesmo em tempos de pandemia, não mediram esforços para manter o programa e, assim, reinventaram-se nos proporcionando uma formação de qualidade.

Ao Alex, secretário do programa, pela constante disposição de ajudar e atender nossas necessidades.

Aos colegas do Mestrado, os quais, apesar do modelo remoto, não deixaram de criar vínculos.

Aos colegas professores da educação básica, fonte de muito aprendizado.

Aos meus alunos, em todos estes 31 anos de magistério, que também foram responsáveis pelo desejo de levar adiante este projeto, em especial ao Valdivino, por ser hoje colega de Mestrado.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, André e Radamés pelas contribuições.

Agradeço de forma especial à professora Regma - pessoa muito admirada não apenas por mim, mas por toda a comunidade acadêmica pela competência, erudição e simplicidade ao mesmo tempo - por aceitar a orientação, sem a qual esse sonho não se concretizaria, ou seja, prosseguir com uma proposta de trabalho iniciada há quase 30 anos, ainda na graduação.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa traz uma análise o livro *Torto Arado* e suas potencialidades para ser utilizado nas aulas de História, com o objetivo de apresentar um produto que venha auxiliar professores da Educação Básica na construção de uma educação antirracista. Para isso, é apresentada a biografia do autor Itamar Vieira Júnior, a obra e sua estrutura, atentando-se para a narrativa, cujo principal ponto de partida é a questão racial. Também são apresentados alguns aspectos da estrutura da obra e uma breve apresentação de parte da fortuna crítica já produzida sobre o livro. Pensar como a obra literária *Torto Arado* representa, na perspectiva de seu autor, Itamar Vieira Júnior, questões fundamentais sobre o Brasil, a terra, o racismo e a religiosidade é o eixo central do trabalho. *Torto Arado* é um romance que expõe a vida diária de quilombolas no interior baiano, mais precisamente na Chapada Diamantina. Com personagens fortes, de luta e resistência, a obra traz o cotidiano de famílias descendentes de escravizados e as tentativas de manter vivas suas histórias e tradições, bem como sua relação com a terra, possibilitando discutir a temática do racismo estrutural, do empoderamento e da intolerância religiosa. É importante perceber que o enfrentamento ao racismo assume uma postura que difere das adotadas por grande parte dos autores da literatura contemporânea, mas que não deixa de ser eficaz em razão disso. Ao contrário, apresenta-se como uma possibilidade de inovação ao enfrentar as questões raciais que estão presentes em nosso cotidiano.

Palavras-chave: Literatura – História – Itamar Vieira Júnior - racismo – terra - resistência

ABSTRACT

This research provides an analysis of the book "Torto Arado" and its potential to be used in history classes, aiming to present a product that can assist teachers in Basic Education in building an anti-racist education. For this reason, the author Itamar Vieira Júnior's biography is presented, along with an overview of the work and its structure, with a focus on the narrative, which primarily revolves around the issue of race. Moreover, some aspects of the book's structure are discussed, and a brief overview of part of the critical reception already produced about the book is provided. The central axis of this work is to contemplate how the literary work "Torto Arado" represents, from the perspective of its author, Itamar Vieira Júnior, fundamental issues about Brazil, the land, racism, and religiosity. "Torto Arado" is a novel that exposes the daily life of quilombolas in the interior of Bahia, more precisely in the Chapada Diamantina. With strong characters who are fighters and resistant, the work portrays the daily lives of families descended from slaves and their efforts to keep their stories and traditions alive, as well as their relationship with the land. This allows for a discussion of structural racism, empowerment, and religious intolerance. It is essential to recognize that the approach to combating racism taken in this work differs from that of many contemporary literature authors but is no less effective because of it. On the contrary, it presents itself as an innovative possibility for addressing the racial issues that are prevalent in our everyday lives.

Keywords: Literature - History - Itamar Vieira Júnior - racism - land – resistance

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Inspiração para capa do livro Torto Arado	29
Figura 2 - Processo de criação da capa	29
Figura 3 - Excerto do livro Torto arado	58
Figura 4 - Reportagem sobre cotas.....	58
Figura 5 - Texto sobre desigualdade social e racial	59
Figura 6 - Imagem sobre discurso de ódio	62
Figura 7 - Imagem do Senado Federal sobre discurso de ódio	63
Figura 8 - Imagem sobre a fotografia e seus usos no Candomblé.....	67
Figura 9 - Decreto 847	68
Figura 10 - Texto sobre comunidades tradicionais	68
Figura 11 - Texto sobre povos de matriz matrizes africanas.....	69

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I: DE QUEM FALAMOS: O AUTOR E SUA OBRA	23
1.1 O autor	26
1.2 Estrutura da obra	27
1.3 Aspectos da narrativa	30
CAPÍTULO II: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E HISTÓRIA EM <i>TORTO ARADO</i>	36
2.1 A TERRA: representações do espaço	36
2.2 Água Negra: metáfora do Brasil	39
2.3 A PELE – Racismo estrutural e suas representações literárias em <i>Torto Arado</i>	45
2.4 O AXÉ – Representações da religiosidade e das práticas culturais em <i>Torto Arado</i>	51
CAPÍTULO III: PRODUTO FINAL	55
3.1 Plano de aula 1 - A importância de ações afirmativas na garantia da educação e cidadania a pretos e pardos no Brasil	56
3.2 Plano de aula 2 - Discurso de ódio, liberdade de expressão e racismo – 9º ano do Ensino Fundamental	60
3.3 Plano de aula 3 - Religiões e comunidades de matriz africana, espaços de resistência e as tentativas de apagamento da história da população negra - 9º ano do Ensino Fundamental ..	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	77

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Fernando Birri

APRESENTAÇÃO

Escrevivência/Relatos

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (Evaristo, 2010).

Escrever é uma tarefa árdua, uma habilidade que pode ser adquirida. Mas também é poder, muito poder. Portanto, aos negros e negras não é permitido escrever, é uma transgressão, como nos diz Conceição Evaristo. Felizmente agora estamos transgredindo, estamos nós mesmos contando nossa própria história, conforme afirma Beatriz Nascimento em “Uma História feira por mãos negras”:

Não podemos aceitar que a História do Negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa História, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os enganando. Só assim poderemos nos entender e fazer-nos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática.” (Nascimento, 2021, p. 45)

Quando no início disse das dificuldades ao escrever, da tarefa árdua em que consiste este ofício, falo também das minhas experiências, das deficiências da formação básica, das origens, dos enfrentamentos, da conciliação de trabalho e estudo, condições mais adversas ainda para pesquisadores negros.

Ao ocupar este espaço, quando conquistamos o direito de contar nossa própria história, parafraseando mais uma vez Beatriz Nascimento, é preciso ter consciência do valor e do significado desse ato de transgressão. E ter a consciência também do que isto significa para outras gerações de pesquisadores negros que nos terão como inspiração e é por isso que considero importante deixar o relato das minhas experiências vividas neste trabalho.

Como para todo jovem negro, vindo da roça, as oportunidades eram muito escassas. Os sonhos eram quase que proibidos. Mas o fato de ser filho de uma professora primária, mesmo dentro daquela realidade da escola de zona rural do final dos anos 60 e início dos 70, de salas multisseriadas em que a professora era também a merendeira, a faxineira, a faz tudo, foi o que me possibilitou estar aqui hoje.

Percebi que minha mãe, mesmo que inconscientemente, era uma transgressora. Uma mulher negra que, diferentemente do restante da família, estudou, cursou o “Normal” e se tornou professora, o que me inspirou a seguir os mesmos passos.

Quanto ao meu pai, um homem da roça, os estudos, para ele, eram secundários. O mais importante era garantir o sustento e obviamente preparar os filhos para aquela vida. Mas, por insistência da minha mãe, seu projeto saiu vencedor e nos mudamos para a cidade no final da década de 1970.

Assim começa minha trajetória como estudante. Sempre na escola pública obviamente. Os primeiros anos do Primeiro Grau, hoje Ensino Fundamental I, foram relativamente tranquilos, alfabetização até a 4ª série. Já na 8ª série, começo a trabalhar como vendedor de jornal pelas ruas da cidade, meu primeiro ofício dentre tantos outros que viriam. A partir de então, nunca mais foi possível desvincular trabalho e estudos. No Segundo Grau, hoje Ensino Médio, optei por cursar o técnico em Magistério, o que me habilitava a ser professor primário e me permitiu várias experiências com a sala de aula. Trabalhava durante o dia e estudava no período noturno.

Após a conclusão do “Segundo Grau”, chegou a época do vestibular. A minha cidade contava com um Campus da Universidade Federal de Goiás que oferecia diversos cursos de Licenciatura, entre eles o de História, o que sempre foi uma paixão. Fiz o vestibular e consegui ser aprovado, porém tive que trancar a matrícula logo no primeiro ano devido à prestação do serviço militar obrigatório, opção de trabalho e carreira para muitos jovens da época. Mas, no meu caso, esse ano no Exército só me fez ter certeza das minhas convicções, voltar para casa e iniciar o curso de História.

Nesse retorno, o curso técnico em Magistério possibilitou-me ingressar, por meio de concurso público, no quadro de professores efetivos da rede estadual de ensino de Goiás, onde iniciei minha carreira como professor de educação básica e trabalhei com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

O início da graduação foi um período de adaptação, de insegurança, um misto de descobertas e surpresas. Era a primeira vez que tinha contato com professores de formação superior. O ritmo de estudo, a dinâmica das aulas, tudo muito novo, difícil, porém instigante.

O gosto pelos estudos e o encantamento pelo curso me proporcionaram experiências muito positivas e, assim, já familiarizado com a rotina acadêmica, cursava o 3º ano, quando as circunstâncias, no caso meu, casamento, fez-me abandonar a faculdade. Aos 20 anos de idade, precocemente posso dizer, casei-me, o que não era muito incomum para os jovens da minha idade e origem. Logo após, surgiu uma oportunidade de trabalho em uma multinacional

instalada na cidade, o qual não pude recusar em razão das atribuições que o matrimônio impõe, ficando, então, impossível conciliar com a vida de estudante, sobretudo por ser um curso diurno. No entanto, o desejo de um dia voltar e concluir a graduação era latente, por essa razão apenas tranquei a matrícula.

Durante o período de trabalho na empresa, não abandonei completamente o hábito de estudar por acreditar na possibilidade de concluir o curso de História. Depois de cerca de um ano e meio trabalhando na empresa, surgiu um concurso para professor do Ensino Fundamental na rede municipal da minha cidade ao qual me inscrevi, fui aprovado e, em virtude disso, desliguei-me da empresa e retornei à faculdade, conciliando os dois empregos de professor, um na rede estadual e na rede municipal.

Iniciei, então, a elaboração do projeto de pesquisa que tinha como tema “O centenário da abolição através dos discursos impressos”, que era uma proposta de analisar a forma como os cem anos de abolição foram abordados pela imprensa escrita. Por meio deste projeto, conheci a professora Regma Maria dos Santos a qual aceitou orientar o trabalho e viabilizou meu primeiro contato com a pesquisa histórica, experiência fascinante por me fazer mudar conceitos, ampliar minha visão de mundo, compreender realmente o que foi o processo pós-abolição no Brasil e, o mais importante, compreender minha própria história e enxergar meu lugar de sujeito dentro dela.

Hoje retorno, novamente sob orientação da professora Dra. Regma, no mestrado profissional, onde pretendo apresentar um produto que possa ser mais uma contribuição aos estudos daqueles que estão comprometidos com as questões raciais que estão presentes em nosso cotidiano.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o livro *Torto Arado* e suas potencialidades para ser utilizado nas aulas de História. O romance de Itamar Vieira Júnior, geógrafo e funcionário público, trata das questões raciais no Brasil a partir de suas observações feitas diante do contato com sujeitos pelo Brasil, no exercício de sua atividade enquanto funcionário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Torto Arado é uma trama que se passa no sertão baiano, em um Brasil recém-saído da escravidão e traz as lutas diárias do povo negro em busca de sobrevivência neste período inicial de liberdade legal. Buscando por afirmação e lutando pelo seu espaço nessa sociedade e, dentro dessa nova nessa realidade, as personagens têm que enfrentar todas as adversidades num país que traz fortemente as marcas da escravidão.

Chama atenção na obra a forma como Itamar Vieira Júnior aborda a problemática do negro no Brasil. O autor constrói sua narrativa procurando valorizar a luta das comunidades negras, sua cultura, suas experiências e, assim, denuncia o racismo vigente. Entretanto, a narrativa desenvolve-se a partir da evidência que a história dos negros resiste, está viva, mesmo diante das tentativas de apagamento imposta pelos vencedores.

O romance escolhido para essa pesquisa trata da relação entre as irmãs Bibiana e Belonísia que vivem em uma fazenda no interior da Bahia nomeada Água Negra, provavelmente localizada na Chapada Diamantina. As personagens são filhas de um líder religioso, de uma manifestação chamada jarê, que por algumas das descrições pode ser entendido como uma mistura do catolicismo popular com cultos indígenas e africanos.

No início do primeiro capítulo, o mote para toda a narrativa é um acidente no qual uma delas tem a língua cortada por uma faca guardada em uma mala da avó. Belonísia, a partir de então, muda, vai ser interpretada por sua irmã, Bibiana.

Ambas as personagens vão ter sua voz narrativa evidenciadas no romance e, por meio delas, vamos entender o significado de cada elemento que compõe uma saga comum das comunidades negras no Brasil na vivência cotidiana e nas implicações religiosas, políticas e sociais da vida das mulheres negras no interior do país.

A opção por este tema teve como motivação as experiências que vivi em todos estes anos de docência, no Ensino Fundamental e Médio. Portanto, tenho como objetivo também instrumentalizar meu trabalho a partir do desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao elaborar o aprendizado histórico, de acordo com Rüssen (2011), a pessoa que aprende se transforma ao adquirir habilidades e conhecimentos. A partir desse pensamento, evidencia-se a possibilidade de dialogar e interferir na consciência histórica presente em meus alunos, possibilitando-lhes novas orientações sem desconsiderar as suas experiências. Isso faz com que o ensino de história seja utilizado na formação da consciência histórica, uma vez que a temática aqui tratada é de extrema relevância para esses sujeitos.

Fazer com que a escola se torne um espaço de reflexão a partir das experiências vividas por esses alunos é também uma das grandes possibilidades que a pesquisa pode vislumbrar, considerando que uma parcela significativa dos alunos tem a escola, além de seu local de estudo, como o único espaço de alimentação, entretenimento, lazer e cultura. Grande parte das experiências deles são vivenciadas dentro deste espaço, o que o torna ideal para promover as reflexões que o projeto propõe. Desse modo, resta evidente que é dentro da escola que há possibilidades de fazer algumas reflexões da realidade vivida e, conseqüentemente, confrontá-la.

Para Rüssen (2011, p. 104), a consciência histórica “é a constituição de um sentido sobre a experiência do tempo no modo de uma memória que vai além dos limites de sua própria vida prática”. Essa experiência do tempo é a relação direta entre passado, presente e futuro, ou seja, o objeto de estudo do historiador é o passado, mas em função do presente, a partir das questões do presente e das expectativas em relação ao futuro.

Portanto, o fazer história tem uma relação direta com a percepção da aquisição de consciência histórica. Essa construção é resultado de um processo que nos é inerente e que nos leva sempre a procurar respostas para as questões do cotidiano, o que Rüssen denominou “carências de orientação”. No entanto, não basta a clareza da consciência histórica para que seja possível dar conta dessa interpretação do mundo, que é o trabalho do historiador. É necessário algo mais, a consciência utópica.

Ainda segundo Rüssen, a consciência utópica é importante à medida que funciona como uma força que nos leva a agir. Quando não conseguimos respostas para nossas carências, o que nos motiva a continuar buscando essas respostas seria a utopia. Caso contrário, a vida seria limitada. Portanto, consciência histórica e consciência utópica são dependentes e complementares.

Quanto à possibilidade de aplicação desta teoria, parece-me perfeitamente possível. Veja o caso de alguém que deseja pesquisar o racismo no Brasil. Esse desejo parte de alguma inquietação subjetiva das carências de orientação e de uma vontade de dar sentido histórico a dados registrados na memória que têm uma relação com o passado escravocrata, permeado por práticas violentas, de exclusão e de injustiças diversas e que, mesmo depois de mais de cento e trinta anos da abolição, essas práticas permanecem. O que leva o historiador a continuar pesquisando, buscando respostas, é a utopia de um futuro diferente do passado e do presente.

Pode parecer algo inatingível, mas é a utopia que não permite a desistência. Então, não basta a consciência histórica desenvolvida, é necessário algo mais para motivar a busca de ressignificação do passado, sair do campo da memória narrativa, o que pode ser alcançado a partir da consciência utópica. Mas para Rüsen, tudo isso só se concretizará à luz de um método científico. A pesquisa deve ser guiada por métodos. É isso que garantirá ao pesquisador a validação do processo histórico. É o que permitirá ao historiador produzir efeito com seu trabalho científico. O pensamento histórico “modera as constituições utópicas de sentido, a fim de fornecer uma base sólida às representações do que teria sido o caso, sem a qual estas não seriam fatores da orientação do agir” (Rüsen, 2007b, p.5). Dessa maneira, é inegável a reflexão: O que seria de nós sem uma boa dose de utopia?

Logo, para a produção do conhecimento histórico, é preciso considerar a consciência histórica, a consciência utópica e o método, uma vez que todos possuímos consciência histórica em constante formação devido as nossas experiências e que isso, portanto, nos faz cada vez mais carentes de orientação. Dessa maneira, necessitamos da consciência utópica que nos liberta da crença em um possível determinismo factual e nos possibilita a continuar buscando as orientações. Já o método é o elemento dosador dessa balança, é o fator que permite fazer uso da utopia como elemento capaz de motivar a ação, mas sem nos desvencilhar dos caminhos da razão.

A partir de tais conceituações, é pertinente ressaltar que a decisão de pesquisar este tema advém principalmente das minhas observações durante todos estes anos de prática docente, como professor de História e também do desejo em continuar a temática iniciada na graduação.¹ Observar crianças, jovens e adultos negros que, por estarem inseridos dentro de uma sociedade preconceituosa e racista, são levados a tentar negar suas características físicas ou mesmo escondê-las, é um debate cada vez mais necessário.

¹ Cleuber Aparecido Silva. Centenário da Abolição: Discursos Impressos. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Goiás Campus Avançado de Catalão. Orientadora: Dra. Regma Maria dos Santos.

É relevante pontuar ainda que a problemática presente nesse trabalho pode ser observada em escolas públicas de Catalão, com alunos negros, especialmente os residentes em um bairro extremamente carente, onde está localizada a escola em que estudam. Durante este período, foi possível perceber o quanto ainda são vítimas desse racismo que vigora no Brasil e o quanto é difícil se desvencilhar das armadilhas impostas a eles, muitos ainda jovens. Alguns se retraem, escondem-se enquanto outros se impõem, empoderam-se e exigem seu espaço de direito.

Enquanto professor de História e negro, entendi que era possível fazer mais por aqueles alunos (as). Percebi que muitos viam em mim um exemplo, que podiam mais, que podiam traçar um outro caminho além daquele de subserviência que a sociedade tentava impor.

Relatar-lhes minhas experiências, as dificuldades que enfrentei e enfrento por ser negro lhes serviu de estímulo. Mostrar-lhes as políticas públicas existentes adotadas que permitiam-lhes chegar à faculdade, como as cotas, por exemplo, foi um grande incentivo, para que começassem a pesquisar, a ler e refletir sobre o tema.

Esses alunos que, até então, não tinham a noção exata do quanto eram vitimados pelo racismo, por acreditarem que deveriam mesmo ocupar um espaço pré-determinado de exclusão, de guetos sociais e de segregação, puderam compreender que existe uma razão histórica para toda essa situação e que merecem muito mais do que lhes é dado.

Ao observarem como que dentro da própria escola o racismo se reproduz, começaram a fazer seus questionamentos. Um deles atenta para o fato de que dentro de uma escola “tão grande” existe apenas um professor negro.

A existência de professores racistas dentro da escola foi outra constatação desses alunos. Conseguiram perceber como que alguns profissionais que deveriam zelar pelo tratamento em nível de igualdade, muitas vezes, não só ignoravam alunos negros como também os prejudicava diretamente, através de ações que pareciam normais aos olhos deles.

Ademais, em um momento em que vivenciamos o fenômeno da “negação histórica”, com o objetivo de apagar da memória os horrores cometidos no passado, mas também de resistência dos movimentos sociais, do fortalecimento das lutas dos excluídos, das “minorias”, o tema torna-se de extrema relevância.

Posto isto, de maneira específica, pretendemos apresentar uma reflexão referente às práticas do povo negro que permitiram e permitem a sobrevivência de sua história, identificando as narrativas que demarcam o racismo no Brasil, compreendendo-o como fenômeno histórico. Diante dessas análises, objetivamos fomentar práticas educativas para o antirracismo na educação básica e cooperar com a formação de professores, apresentando uma pesquisa sobre um tema relevante para a formação dos alunos.

Ao fazer a leitura do livro *Torto Arado*, vi o quanto necessário e relevante se faz analisá-lo e, assim, perceber como a história do povo negro resiste, desde a formação dos quilombos lutando pela terra e pela perpetuação de práticas culturais, o que vem se mostrando como uma forma de luta contra o racismo, além de se manifestar também como uma forma de valorização de toda essa história que resiste por séculos.

Nesse interim, a proposta deste trabalho é uma análise do texto de Itamar Vieira Júnior, *Torto Arado*, livro que se constitui como fonte para a realização da pesquisa. Uma obra recente que muito contribui ao retratar as lutas dos povos recém-saídos da escravidão praticada no Brasil por cerca de três séculos.

Considerando que o produto final desse trabalho será a produção de um material que fomenta tanto a educação básica quanto as práticas educativas para o antirracismo, é importante destacar que as lutas desses povos anteriormente escravizados, presente nessa literatura, também se constituem uma importante alternativa de luta contra o racismo e a discriminação racial e de afirmação de sua história.

Felizmente, a história cultural traz essa possibilidade: dialogar com a literatura, analisar um romance e tê-lo como fonte histórica. Sem a história cultural, talvez, essa pesquisa estivesse inviabilizada. Porém, esta é uma prática que já vem sendo avalizada e corroborada por vários teóricos e pesquisadores.

No entanto, o êxito do trabalho historiográfico condiciona-se à aplicabilidade da metodologia a ser adotada e a todos os elementos que constituem a “operação historiográfica”. Nesse sentido, estar atento ao que diz Michel de Certeau, de que é necessário relacionar o lugar social, práticas científicas e a escrita, é o preceito deste estudo: “Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura)”. (Certeau, 1982, p. 56)

Entre os autores que considero importantes para a execução deste trabalho destaco alguns nomes da atualidade que atuam em toda essa discussão que envolve o racismo, como Joice Berth, Juliana Borges, Sidnei Nogueira, Silvio Almeida, dentre outros. Importante destacar que a discussão necessária ao desenvolvimento deste projeto se dará à luz da bibliografia acadêmica.

Nesse sentido, este trabalho está dividido nas seguintes partes: no primeiro capítulo, apresentamos uma biografia de Itamar Vieira Júnior, autor da obra, nossa fonte de pesquisa. Nessa parte, falamos sobre a estrutura do livro e são realizadas algumas reflexões sobre a narrativa. Posteriormente, tratamos de três temas que selecionamos em sua obra: 1) A terra,

representando os conflitos e relação entre a posse e o trabalho na terra no Brasil; 2) A pele: momento em que tratamos da questão do racismo e suas implicações em relação às mulheres, ao preconceito e outros aspectos; 3) O Axé: quando tratamos dos aspectos religiosos que o livro aborda.

No terceiro capítulo, ou numa terceira parte, consideramos realizar propostas de planos de aula adaptados do livro *Torto Arado* para o ensino de História, orientando possíveis atividades a serem desenvolvidas.

CAPÍTULO I

DE QUEM FALAMOS: O AUTOR E SUA OBRA

O propósito deste capítulo é apresentar a biografia do autor Itamar Vieira Júnior, sua obra e estrutura, atentando-se mais especificamente, para a narrativa, cujo principal ponto de partida é a questão racial. Também serão apresentados alguns aspectos da estrutura da obra e uma breve apresentação de parte da fortuna crítica já produzida sobre o livro as quais passam pelas temáticas que são exploradas aqui.

Conforme observamos ao relacionar história e literatura, é fundamental compreender a relação entre texto e contexto. Isso significa que a obra literária precisa ser compreendida como uma fonte que deve se submeter ao escrutínio do historiador e, no caso, do professor-pesquisador. Para isso, é preciso desvelar quem a produziu, qual o contexto, ou seja, o momento de sua produção, qual sua estrutura, quais as intencionalidades da obra e como se dá sua recepção.

Este caminho vai orientar o professor que poderá usar esta obra para ensinar História, numa perspectiva interdisciplinar. Desse modo, perceber as dimensões da História presentes em um texto literário exige, antes de tudo, exercícios de interpretação e compreensão da linguagem literária. Nesse sentido, a obra de Domício Proença Filho, *A linguagem literária* (1992), fornece elementos que possibilitam esses exercícios. Nesta obra, o autor trata das especificidades da linguagem literária e como esta deve ser enxergada. E, ao apresentar uma reflexão sobre a relação entre língua e literatura, texto literário e não literário, remete ao historiador as possibilidades de uso da literatura como objeto de uma investigação histórica, que é o propósito deste trabalho.

Ainda sobre a perspectiva de Proença Filho, é válido destacar uma abordagem em relação à metodologia de uso da fala e da linguagem literária. A esse respeito, o autor afirma que a fala não exige interpretação por ser usada diariamente como informação e um elemento da configuração do nosso idioma. Assim,

A fala ou discurso é, no uso cotidiano, um instrumento da informação e da ação e não exige, no mais das vezes, atitude interpretativa. A significação das palavras, nesse caso, tem por base o jogo de relações configuradas do idioma que falamos. (Proença Filho, 1992, p. 7)

Porém, de acordo com Filho, a linguagem literária necessita de uma visão interpretativa por se tratar de uma linguagem carregada de subjetividade.

A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele emoções profundas coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, coparticipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum. (Proença Filho, 1992, p. 7).

Proença Filho (1992, p. 14) chama atenção também para a importância que se deve dar à conotação, pois, segundo ele, este é um elemento relevante para a compreensão dos diversos significados do texto literário. “No percurso dessa apreensão, situa-se a dimensão conotativa, chave da plurissignificação do texto literário”. Nesse sentido, em um texto literário, a escolha das palavras, dos termos, está relacionada à forma como o autor pretende, de acordo com sua subjetividade, representar a sua visão de mundo e, ao leitor, abre-se espaço para a realização do mesmo exercício.

Todo conhecimento se caracteriza como uma representação, como um tornar de novo presente a realidade em que vivemos, para que dela tenhamos uma visão mais clara e profunda, que escapa à nossa percepção imediata. Toda representação, nesse sentido, configura uma interpretação. (Proença Filho, 1992, P. 15)

Outro ponto destacado por Proença Filho é o fato de que a linguagem não envolve apenas uma dimensão linguística, mas também social. Sobre isso, diz: “Se a língua envolve uma dimensão social e se caracteriza por ser sistemática, a utilização individual que dela fazemos, ou seja, a fala ou o discurso, é um conglomerado de fatos assistemáticos e, em relação a ela, um ato individual de seleção e atualização”. (1992, p. 23).

Importante destacar também a relação que Domício Proença Filho faz entre arte, língua e cultura: “Obviamente, como fato cultural que é, a literatura acompanha o desenvolvimento da cultura de que é parte integrante. A literatura se vale da língua e revela dimensões culturais. Cultura, língua e literatura estão, portanto, estreitamente vinculadas.” (1992, p. 34). Compreende-se, portanto, que a relação literatura, cultura e língua tem a função de revelar a realidade.

Dessa maneira, a literatura talvez seja a fonte que melhor possibilite ao pesquisador a representação do passado como nos diz Borges em seu trabalho:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma

época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. (Borges, 2010, p. 98)

Toda fonte histórica deve ser manipulada, seguindo os métodos característicos da produção historiográfica. Tal premissa leva à conclusão de que a literatura como fonte também exige os devidos cuidados. A esse respeito, Borges nos esclarece:

Tais questões dizem respeito a aspectos elementares de nosso aparato básico de instrumentais de trabalho de investigação histórica. Assim, devemos ficar atentos aos mecanismos de funcionamento da comunicação, do pensamento, das variadas práticas socioculturais, das visões de mundo e das memórias. Os tipos de textos, a língua que falamos e na qual escrevemos, a linguagem praticada socialmente, que organizam a compreensão das experiências sociais, e a linguagem particular de uma produção, seja literária ou de outros objetos simbólicos, os quais representam tais experiências e formas de compreensão e interpretação dos seus significados e sentidos, requerem ser problematizados. (Borges, 2010, p. 97).

A partir do que afirma Borges, conjectura-se que a literatura se apresenta como uma possibilidade de investigação à medida que é “uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo”, possui regras próprias de produção e guarda modos peculiares de aproximação com o real, isto é, de criar um mundo possível por meio da narrativa. Ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo.

Nessa perspectiva, a literatura é uma reflexão sobre o que existe e a projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal, “é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular”. (Borges, 2010, p. 98-99)

A partir de tais reflexões, ressalta-se que a obra de Itamar Vieira Júnior, *Torto Arado*, se apresenta como uma interessante possibilidade de se discutir o racismo por outro véis, ou seja, direcionando o olhar para a permanência, valorização e resistência da história do povo negro, mesmo diante das tentativas de suprimi-la.

Diante dessas considerações, o objetivo deste trabalho é a análise do livro *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior, procurando compreender como a história do povo negro resiste e permanece latente, mesmo diante das adversidades e tentativas de soterramento de que é vítima

desde o período escravocrata até a atualidade. E, assim, perceber, por meio da literatura, as permanências de festas, dos costumes, da religiosidade e o quanto tudo isso ainda está vivo no seio dessas comunidades.

1.1 O Autor

Itamar Vieira Júnior nasceu em Salvador em 1979. É graduado e mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Doutorou-se em Estudos Étnicos e Africanos também na UFBA. É dono de uma produção intelectual que evidencia o interesse pelo seu estado de origem e o engajamento no combate ao racismo. A começar pela monografia intitulada *A expansão de Salvador: a produção do espaço urbano em uma via metropolitana* (2005) e sua dissertação de mestrado denominada *A valorização imobiliária empreendida pelo Estado e mercado formal de imóveis em Salvador: analisando a avenida paralela* (2007). Em sua tese de doutorado, a pesquisa está relacionada à formação das comunidades quilombolas no Nordeste brasileiro. Com o título de *Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo Iuna* (2017), sua pesquisa é realizada na área de Estudos Étnicos e Africanos.

Itamar Vieira Júnior ganhou notoriedade com livro *Torto Arado* (2019), porém sua estreia na literatura acontece antes e com livros premiados: o livro de contos *Dias*, de 2012, foi vencedor do XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura (Bahia); *A Oração do Carrasco*, uma coletânea de contos lançado em 2017, finalista do Prêmio Jabuti em 2018, segundo lugar no Prêmio Bunkyo de Literatura, também em 2018, e vencedor do Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores (Seção Rio de Janeiro). Mas é realmente com *Torto Arado*, que o autor ganha projeção, ao conquistar o consagrado prêmio Leya, em Portugal, por retratar de forma tão realista o meio rural brasileiro.

Como funcionário efetivo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o autor viveu de perto as experiências desses trabalhadores rurais no interior do nordeste brasileiro, o que lhe permitiu retratar com extrema clareza e habilidade literária o universo dos trabalhadores sem-terra oriundos do regime escravista e as diversas questões que essa situação envolve, como o racismo e a questão da distribuição da terra no Brasil. E, ao mesmo tempo, ao adotar personagens femininas, numa sociedade dominada pelo patriarcado, abordar a violência dupla de que são vítimas as mulheres negras nesse contexto.

Nesse interim, o maior fenômeno da literatura brasileira recente, o romance *Torto Arado* tem sido objeto de uma intensa crítica, não só nacional, mas também internacional, devido ao

seu alcance e também por ter sido lançado primeiramente “lá fora”, como o próprio Itamar diz e justifica ao falar das dificuldades para um escritor lançar um livro no Brasil.

Sem proximidade com editores, a alternativa encontrada por ele foi submeter o livro a prêmios, inclusive fora do Brasil, conseqüentemente tornando a obra bastante premiada. Além destes títulos, o autor escreveu uma série de contos que foram traduzidos e publicados em revistas especializadas na França e nos Estados Unidos.

1.2 Estrutura da obra

O livro *Torto Arado* é dividido em três partes. A primeira delas, “Fio de Corte”, tem 15 capítulos enumerados, sem títulos específicos. O segundo intitula-se “*Torto Arado*” e possui 24 capítulos e o último, “Rio de Sangue”, é dividido em 24 capítulos.

A primeira parte do livro, “Fio de Corte”, é narrado por uma das irmãs. O leitor já de início é levado a se defrontar com um acidente com uma das irmãs que a faz perder a voz, o que já pode configurar uma metáfora para o fato de que mulheres descendentes de povos escravizados foram tolhidas de sua fala.

Belonísia também retirou a faca da boca, mas levou a mão até ela como se quisesse segurar algo. Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, porque dela também escorria sangue. Tentei engolir o que podia, minha irmã também esfregava rápido a mão na boca com os olhos marejados e apertados, tentando afastar a dor. Ouvei os passos lentos de minha avó chamando Bibiana, chamando Zezé, Domingas, Belonísia. «Bibiana, não está vendo as batatas queimando?» Havia um cheiro de batata queimada, mas tinha também o cheiro do metal, o cheiro do sangue que ensopava minha roupa e a de Belonísia. (Vieira Júnior, 2019, p. 15-16).

Esse episódio gera uma união entre as irmãs e uma passa a ser a voz da outra. Para isso, elas criam uma forma de sinais que permite se entenderem. Ademais, nesta parte do livro, apresenta-se a paisagem do lugar e as relações de poder a que são submetidas pelos donos da fazenda Água Negra. Aqui se apresentam também os grupos familiares, a vida cotidiana, a religiosidade representada pelo pai, Zeca Chapéu Grande, a mãe, Salustiana, a avó, Donana, dona da faca que levou ao acidente. A primeira parte do livro se encerra com a fuga de Bibiana com o primo Severo para tentarem a sorte em outro lugar. Belonísia fica, então, sem a voz que lhe emprestara a irmã.

Na segunda parte do livro, quem assume a narrativa é Belonísia e a mala da avó, na qual encontraram a faca que provocou o acidente, é novamente invocada.

Mas bastou eu voltar até o quarto e procurar pela mala velha e rota de minha avó para entender que Bibiana havia nos deixado. Seus olhos não escondiam a sua intenção quando cheguei de repente, enquanto arrumava suas peças de roupa na mala de couro gasta. É fato que ela planejava uma viagem escondida. Poderia ter feito como ela mesma fez ao me ver com Severo debaixo do umbuzeiro numa noite de jarê. Poderia ter azucrinado o juízo de minha mãe para que lhe devolvesse a surra que levei por conta da mentira que inventou sobre mim e meu primo. Mas já havia passado tanto tempo e eu não queria vê-la chorar. Nem queria sentir que revidava algo que já havia passado. Estava cicatrizado. (Vieira Júnior, 2019, p. 92)

Nesta parte, observa-se o amadurecimento de Belonísia, o seu casamento com o vaqueiro Tobias e o sofrimento causado por uma vida tão dura cercada pelas dificuldades cotidianas e pelo machismo vivido pelas mulheres naquela região. A narrativa trata das histórias de Zeca e Donana e a presença dos encantados na proteção contra os males da natureza e dos poderosos coronéis. Ainda se relata, nesta parte, que Bibiana e Severo conseguem trabalho e se envolvem na luta pelos direitos dos trabalhadores no campo.

Na terceira e última parte da obra, outra voz narrativa é colocada em ação. Quem narra é um encantado, conhecido como Santa Rita Pescadeira que, com a morte de dona Miúda, não tem mais um cavalo para montar. Seu conhecimento é ancestral e, por isso, ela vai fechando os pontos das narrativas anteriores, como a trajetória da faca de Donana que atravessa toda a história. Também nessa parte é possível acompanhar o embate entre os donos e os moradores do local, atravessados pela modernização das plantações e pelo surgimento e avanço das religiões evangélicas.

Meu cavalo morreu e não tenho mais montaria para caminhar como devo, da forma que um encantado deve se apresentar entre os homens, como deve aparecer por esse mundo. Desde então, passei a vagar sem rumo, arrodando aqui, arrodando acolá, procurando um corpo que pudesse me acolher. Meu cavalo era uma mulher chamada Miúda, mas quando me apossava de sua carne seu nome era Santa Rita Pescadeira. Foi nela que cavalguei por tempo, não conto o tempo, mas montei o corpo de Miúda, solitária. Sou muito mais antiga que os cem anos de Miúda. Antes dela, me abriguei em muitos corpos, desde que a gente adentrou matas e rios, adentrou serras e lagoas, desde que a cobiça cavou buracos profundos e o povo se embrenhou no chão como tatus, buscando a pedra brilhante. O diamante se tornou um enorme feitiço, maldito, porque tudo que é bonito carrega em si a maldição. Vi homens fazerem tratos de sangue, cortando sua carne com os punhais afiados, marcando suas mãos, suas frentes, suas casas, seus objetos de trabalho, suas peneiras de cascalhos e bateias. Vi homens enlouquecerem sem dormir, varando noite e dia no rio Serrano, nas serras, nos garimpos, entocados na escuridão para ver o brilho mudar de lugar. (Vieira Júnior, 2019, p. 203)

Tratando da estrutura física do livro, é importante destacar que a obra, em uma de suas edições, possui cerca de 250 páginas e foi editada pela Editora Todavia, da cidade de São Paulo, fundada em julho de 2017 e suas obras somam vários prêmios nacionais e internacionais. Publicado em 2019, o livro de Itamar Vieira Júnior, ganhou os prêmios importantes Leya

(Portugal, 2018); Oceanos (2020), Jabuti (2020). Essa obra foi, em abril de 2022, selecionada para adaptação de uma série a ser realizada pela HBO e será dirigida pelo prestigiado diretor Heitor Dhalia. Além disso, obra já conta com várias reimpressões.

Ainda em seu aspecto estrutural, destaca-se a capa, de autoria de Elisa V. Randow, ilustrada por Aline Bispo, que se inspirou na fotografia de Giovanni Marrozini de 2010. Importante fenômeno acompanhou esta capa que foi a sua reprodução em pinturas, bordados, tatuagens pelos leitores da obra a partir de sua popularização.

Figura 1 - Inspiração para capa do livro Torto Arado



Fonte: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/autor-sobre-torto-arado-na-tv-ganhou-vida-propria-ja-nao-me-pertence>

Figura 2 - Processo de criação da capa



Fonte: <https://docplayer.com.br/211312280-Uma-nova-lavoura-tambem-como-foi-a-sua-elaboracao.html>

Em entrevista, o autor conta a trajetória anterior à *Torto Arado*. Ele já havia escrito dois livros de contos: *Dias* e *A oração do carrasco*. Por esse último, foi indicado ao Prêmio Jabuti. Antes de enviar seu livro ao mercado editorial, Vieira Júnior resolveu encaminhar a obra anonimamente para o Prêmio Leya.

1.3 Aspectos da narrativa

Desde o lançamento de *Torto Arado*, vários pesquisadores têm se dedicado em analisá-lo, o que resultou em uma série de publicações destinadas a discutir as temáticas abordadas na obra. A seguir, serão apresentadas algumas dessas abordagens e, assim, compreender como o livro vem sendo recebido por estes estudiosos e qual o papel desempenhado nos diversos meios que circunda. No entanto, para este estudo, interessa apresentar algumas análises a respeito da narrativa do romance.

Eliziane Navarro, ao analisar *Torto Arado*, trata da importância do romance histórico para o retorno ao passado, no sentido de reconstruí-lo e analisa-lo. Ou seja, com esta obra, abre-se mais uma possibilidade de investigação histórica.

O romance traz aspectos únicos da vida sofrida no sertão ao descrever o cotidiano de Zeca, um respeitado curador da região, e os filhos nas plantações; o sofrimento com a natureza, ora muita chuva, ora muita seca, e a situação das mulheres, que mesmo subjugadas lutam por seu espaço. A vida é cíclica e hierárquica no que tange à exploração: crianças exploradas pelos adultos; mulheres exploradas por seus maridos, maridos explorados pelos gerentes; gerentes explorados pelos patrões. (Navarro, 2020, p.7)

Em “Contra o apagamento da história: reescrevendo a história negra por meio ficcional em *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior”, Maria Izabella Souza de Lima traz uma análise ampla da obra. A autora trata do livro em suas principais dimensões, como a questão da terra, o racismo, o machismo, a exploração do trabalho análogo à escravidão, a resistência ao apagamento histórico da cultura das populações negras, entre outras. Mas percebe-se um destaque especial à condição da mulher, especialmente da mulher negra. A própria construção de *Torto Arado* privilegia a luta diária das mulheres, ao optar por protagonistas femininas, propicia essa abordagem.

No trecho que se segue, a autora discorre sobre a importância da ficção para a História e para evidenciar as vozes daqueles e daquelas que foram silenciados, partindo de vozes femininas:

Por isso, como exercício de repensar a centralidade de estudos e de ouvir aqueles que foram calados por tempo demais, tenho como objetivo refletir sobre a importância da narrativa feminina negra como forma de não apagamento histórico de pessoas pretas, uma verdadeira reescrita da história. E de como a sua inscrição, mesmo por meio da ficção, é uma afirmação política da (r)existência desses corpos. (Lima, 2021, p.2287)

Em “Inscrições do Real” em *Torto Arado*, Shirley de Souza Gomes Carreira procura mostrar que, apesar de trazer elementos incomuns, o romance nos permite uma analogia com a realidade, produzindo um paralelo entre o local e o universal, uma característica da literatura atual que traz as inscrições do real em oposição ao realismo histórico e representativo dos séculos XIX e XX. De acordo com ela, “Se por um lado a literatura contemporânea deixa de ater-se ao compromisso com uma representação pautada pela verossimilhança, por outro busca novas formas de inscrição do real.” (Carreira, 2021, p. 185).

Ainda segundo a autora, o romance foi capaz de produzir uma reflexão na produção da literatura brasileira:

O impacto causado pelo romance evoca reflexões acerca dos rumos da literatura brasileira contemporânea. Em meio ao boom recente da autoficção, surge uma escrita que, narrando uma história situada nos anos 60, aborda questões que se apresentam ao leitor como reconhecíveis no mundo hodierno, como o racismo e a servidão, porém deslocadas para um cenário rural, onde se mesclam o sólito e o insólito. (Carreira, 2021, p. 186).

Portanto, para Carreira, *Torto Arado* se destaca pela sua construção literária, permitindo ao leitor um envolvimento com a realidade da narrativa. “Na escrita do romance, Vieira Júnior distancia-se do paradoxo realista clássico que era inventar ficções que parecessem realidades, pois ele engendra realidades que parecem ficção.” (Carreira, 2021, p. 196). A autora traz uma nova perspectiva de escrita assumida pela literatura que se trata também de mais uma das características que fazem de *Torto Arado* uma obra inovadora pelo seu estilo.

Outro trabalho que chama atenção e mostra a amplitude do livro *Torto Arado* é um trabalho de conclusão de curso da Universidade Federal da Paraíba, intitulado “Proposta tradutória de expressões regionais que refletem fenômenos sociais, em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior”, escrito por José Willames Pereira da Costa Filho.

Neste texto, o autor destaca que ficou encantado com as expressões de caráter regional presentes no livro e sentiu-se desafiado em fazer uma tradução para o espanhol, propondo uma adequação sem que estas expressões perdessem o sentido. Desse modo, o leitor estrangeiro poderia ver a riqueza de cunho social presente no texto. É válido ressaltar que atualmente a narrativa já foi traduzida para outros idiomas, como o inglês, o francês, mas, até o momento do estudo, ainda não o havia sido realizado para o espanhol.

De fato, estas transposições ao idioma meta – Língua Espanhola – que constituem o cerne deste trabalho, não visam à equivalência exata do aspecto lexical dicionarizado. Ora, a prioridade não é a busca de uma exatidão literal na versão de uma língua a outra, mas preservar-se ao máximo a atmosfera do regionalismo brasileiro. O intuito é, pois, o de permitir ao leitor estrangeiro, destinatário do material traduzido, conhecer/compreender a riqueza cultural de cunho social inserida no romance em tela, com o mínimo de perda semântica possível. (Costa Filho, 2021, p. 18).

Outro trabalho de relevância discute o processo de criação de *Torto Arado* a partir da trajetória social de Itamar Vieira Júnior, enquanto servidor público do INCRA. Nele, Ricardo Mendes Matos utiliza das informações fornecidas pelo próprio Vieira Júnior, em entrevistas ou pesquisas científicas, para construção de sua análise. De acordo com Matos, a narrativa está ligada à história de vida do autor. Ao defender seu posicionamento, Matos faz uma análise da vida de Vieira Júnior, desde o início da carreira de escritor que se inicia assim que aprendeu a ler ainda na infância.

Desde que aprendeu a ler, Itamar escreve. Ainda em sua infância, cria uma narrativa sobre uma abelha que fala e interage com outros insetos. Junto ao desenvolvimento dessa inventiva criança cresce seu sonho em ser escritor. Assim, aos 11 anos de idade, é presenteado por seu pai com uma máquina de escrever. Comprada à prestação, a Olivetti Lettera 82 brindava o Natal e o apoio da família ao sonho de Itamar. (Mattsos, 2021, p. 2).

Matos, em seu trabalho, traz a trajetória de Itamar abordando aspectos da vida pessoal elencando a vida estudantil, o apreço pelos estudos o papel da educação. “Na escola, a professora de literatura Therezinha Acioli também aposta nos talentos do jovem escritor, guiando-o em leituras dos clássicos da literatura brasileira” (Mattsos, 2021, p. 2). O autor destaca o papel da professora na formação do escritor, pois é ela quem vai apresentar a Itamar os grandes clássicos da literatura brasileira, como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz que trazem em suas obras as peculiaridades do sertanejo nordestino, uma marca na escrita de Vieira Júnior.

A experiência como funcionário do INCRA na construção de *Torto Arado* também é destacada por Ricardo Mendes Matos que corrobora da mesma da visão do próprio Itamar, ao dizer que o contato com as desigualdades presentes no Brasil rural o estimulou a escrever sobre o tema. Especialmente a comunidade quilombola do Iúna, na Chapada Diamantina.

Os Iúna me permitiram uma viagem e um mergulho na vivência quilombola de maneira tão intensa que, sem dúvida, tudo que aprendi com eles de alguma forma atravessa o romance. Sem minha experiência de trabalho com as comunidades quilombolas, com a comunidade de Iúna, esse romance talvez não tivesse a densidade

que tem, de mostrar uma cosmovisão de mundo, modos de vida, sonhos e histórias (Publica, 2021).

Mattos traz a importante relação de proximidade entre Itamar Vieira Júnior e a comunidade dos Iúna, o que considera elemento essencial na escrita de *Torto Arado*. “As estórias desses quilombolas, que inspirariam os personagens de *Torto Arado*, servem de fundamento ao processo de regulamentação das terras”. (Mattos, 2021, p. 3). Dessa maneira, fica perceptível a intenção em demonstrar o estreito laço entre a obra e a vivência do autor.

Além da abordagem biográfica, Mattos (2021) destaca em seu trabalho o cientista Itamar Vieira Júnior, ao discutir a trajetória acadêmica do autor.

De novembro de 2013 a setembro de 2015, Vieira Junior desenvolve uma pesquisa etnográfica na comunidade da Iúna. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Universidade Federal da Bahia), Itamar defende sua tese “Trabalhar é tá na luta: Vida, morada e movimento entre o povo da Iuna, Chapada Diamantina”. (Mattos, 2021, p. 3).

A intenção de Matos nesse trecho é explicitar a habilidade de Vieira Júnior em construir de forma metodológica os passos que originariam *Torto Arado* que envolviam “a coleta e a transcrição das narrativas de histórias de vida; o respeito à alteridade na escuta de como os próprios quilombolas compreendiam suas vidas; a inserção das narrativas no interior de um projeto literário; e o tratamento dispensado a linguagem das histórias de vida.” (Mattos, 2021, p. 3). Itamar consegue, segundo Matos, construir uma linguagem específica capaz de empoderar a comunidade de Iúna na luta pela demarcação de suas terras, dando voz aos quilombolas.

Se a pesquisa ofereceu o material bruto das narrativas da história de vida emaranhadas em um projeto literário, Itamar também desenvolveu uma linguagem específica para apresentar esse conteúdo. Aspira empoderar os quilombolas como sujeitos da própria história, inserindo suas falas no texto da tese. Ou seja, longe de serem considerados meros “objetos” de pesquisa —diante de um cientista que possui a propriedade do saber—, os quilombolas são sujeitos de conhecimento tanto quanto o pesquisador. O texto passa a ser escrito tanto pelo pesquisador quanto pelas vozes polifônicas dos quilombolas na narração de suas vidas. (Mattos, 2021, p. 3).

Importante destacar a semelhança que Mattos aponta entre a comunidade quilombola de Iúna e a fictícia fazenda Água Negra de *Torto Arado*:

Água Negra e Iúna também são idênticas em sua história. “Damião, o pioneiro dos trabalhadores” de Água Negra chegou “durante a seca de 1932” (Vieira Junior, 2018, p. 150). O “pioneiro” Marcelino Gonçalves “chegou em Iúna no ano de 1932” (Vieira Junior, 2017, p. 250). Marcelino era filho de Manoel, trabalhador dos garimpos da Chapada da Diamantina, repleta de estórias violentas sobre bandos armados disputando diamantes. (Mattos, 2021, p. 4).

Entende-se, a partir da visão de Mattos, que Itamar utilizou da bibliografia de sua tese, defendida em 2017, e das histórias que tomou conhecimento em seu trabalho para redigir *Torto Arado*.

Em relação ao processo criativo e ao momento da escrita, Guilherme Ribeiro em seu artigo, “Resistência e esperança: lições em tempos de guerra”, apresenta uma análise da relação entre o lançamento de *Torto Arado*, a pandemia e o Bolsonarismo. Como o próprio título sugere, segundo Ribeiro, o romance surge como uma esperança diante de tanta adversidade que se assiste no mundo pela pandemia de Covid-19 e, especialmente agravada no Brasil, pela postura negacionista do governo Bolsonaro, o que resultou em números trágicos no que concerne às vítimas da Covid. Ademais, este contexto impediu um debate mais amplo sobre a obra, pois, para Ribeiro, esta é uma obra que deveria ser lida, discutida nas praças, nas escolas, nos festivais literários, nas aglomerações.

Afinal, que dizer de um país que é capaz de conceber um romance da grandeza de *Torto Arado* em pleno Bolsonarismo? Obra prima das letras e, se nos permitem, do pensamento social, *Torto Arado* é uma expressão poética, literária e histórica cujo alcance integral só será reconhecido quando o povo brasileiro for capaz de lê-lo e debatê-lo em casa, nas escolas, em praça pública. (RIBEIRO, 2021. p. 2).

Ao trazer o debate da situação experimentada pelos brasileiros diante das práticas do governo Bolsonaro, o artigo provoca uma reflexão no que se refere às condições de vida dos habitantes de Água Negra e o Brasil do século XXI. No romance, Belonísia, Bibiana e Severno são vítimas de uma estrutura arquitetada para manter privilégios de uma elite branca, autoritária e patriarcal e, ao mesmo tempo, em 2021 há a perseguição as mulheres que ousam a enfrentar essa mesma estrutura que ainda vigora. Essa situação pode ser exemplificada com o caso Mariele, perseguida por milicianos que reproduzem, com os mesmos requintes de crueldade, as práticas apontadas em *Torto Arado*.

Resistência contra o nazi-fascismo e todas as suas modulações, esse editorial quer fazer coro às vozes dissonantes e sustentar em alto e bom som que a história brasileira não terá presente nem futuro enquanto não reconhecer, problematizar e superar sua genealogia escravocrata, autoritária e elitista. De Canudos a Marielle Franco, da ditadura militar aos milicianos cariocas, o que temos é uma nação incapaz de se edificar como sociedade à luz do respeito ao espaço público, da universalização da saúde e da educação, do direito à vida e à cidade. (Ribeiro, 2021. p.1).

Importante destacar também a ênfase que dada à literatura para analisar aqueles que não tiveram voz, ou que viram suas histórias serem contadas pelos outros. A esse respeito, Pinto (2021) chama a atenção para a necessidade de ouvir/dar voz aos sujeitos de sua história.

Torto Arado é um romance fundamental para que se possa compreender a história do Brasil através do discurso daqueles que não foram ouvidos no decorrer dos tempos ou que nunca tiveram voz para expor o tratamento desigual e feroz recebido de capatazes, senhores de engenho, fazendeiros, empresários ricos, patrões impiedosos, uma série de perfis sociais de sujeitos que ocupam o lugar de déspota nos livros referentes a esse mesmo processo histórico pelo qual o mosaico identitário multirracial brasileiro foi muitas vezes silenciado, omitido e ignorado. A narrativa de Itamar Vieira Junior, nesse sentido, evoca o manifesto antirracista necessário na literatura brasileira contemporânea, rompendo com o pensamento conservador e discriminatório (...). (Pinto, 2021, p. 12).

As referências citadas permitem concluir que o livro em questão foi alvo de inúmeras análises que destacam o papel que o romance exerce em retratar um Brasil marcado pela escravidão, porém que não sucumbiu diante das inúmeras forças retrógradas que se empenhavam em manter as desigualdades herdadas do período colonial. Vale ressaltar ainda a habilidade narrativa atribuída ao autor e a possibilidade do uso dessa literatura para a construção/reconstrução da História.

CAPÍTULO II

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS E HISTÓRIA EM *TORTO ARADO*

Compreendendo a literatura como representação social e, assim como apresenta Chartier (1990), é preciso entendê-la como objeto da história cultural que permite “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16).

Ainda segundo Chartier (1990), é preciso compreender as múltiplas dimensões das representações que vão desde a classificação, organização e apreensão do mundo social até a percepção da realidade. Para ele, a representação varia conforme se coloca em relação aos grupos ou classes sociais, embora aspirem à universalidade. E complementa:

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (Chartier, 1990, p. 17).

Diante desses conceitos, é pertinente observar como a obra literária *Torto Arado* representa, na perspectiva de seu autor, aspectos fundamentais para pensar o Brasil, como a questão da terra, do racismo e da religiosidade. Esses temas se colocam, na obra, em diferentes partes e expõem as variadas formas ou lutas que expressam o sentido para se conhecer o país tanto na sua regionalidade quanto na sua complexa historicidade de país escravista.

2.1 A TERRA: Representações do espaço

Torto Arado é um romance que expõe a vida diária de quilombolas no interior baiano, mais precisamente na Chapada Diamantina. Com personagens fortes, de luta e resistência, a obra traz o cotidiano de famílias descendentes de escravizados e as tentativas de manter viva suas histórias e tradições, bem como sua relação com a terra. Em entrevista publicada na Revista Via Atlântica (USP), Itamar Vieira Jr. expõe a importância deste tema.

O sertão tem os ciclos irregulares de chuva, as estiagens são prolongadas, mas também tem muita vida, muita cor, muito verde. Essa questão da terra, pra mim, sempre foi muito importante. Eu já tive uma queda por obras que falassem dessa relação do homem com a terra. Daí eu encontrei trabalhadores sempre me falando da terra com muito carinho, com muito afeto, com muito amor. Eu já ouvi inúmeros discursos políticos deles, inclusive, em reunião, falando da terra com uma reverência, com uma

força e pra mim a terra passou a ocupar esse lugar. Eu fui estudar depois antropologia, muitas etnografias, principalmente de povos originários e cada sociedade elabora o mundo à sua própria maneira, mas existem coisas que são universais e a ligação deles com a terra é algo que é universal, que cada um vai contar de uma forma, mas a reverência, a ligação é muito profunda pra todos, então eu fiquei muito influenciado por isso. (...) O que importava era a forma como eles viam o mundo, a relação deles com a terra e tudo que dizia respeito a eles. (Viera Júnior *apud* Noro; Gonçalves, 2022, p. 539-540)

A narrativa se passa na fazenda Água Negra e se dá em torno das irmãs Belonísia e Bibiana, filhas de Zeca Chapéu Grande e Salustiana Nicolau. Donana é outra personagem de destaque, avó de Belonísia e Bibiana, mãe de Zeca Chapéu Grande.

Adianys González Herrera, doutoranda em Literatura Latino-americana na Universidade de Concepción no Chile, em *Torto Arado: a terra como base da (re) construção de uma identidade étnica – entre escravização e resistência*, destaca o papel do lugar no processo de construção e reconstrução da identidade étnica e de uma memória coletiva, associando tal processo à religião como elemento essencial.

O romance *Torto Arado* (2018) do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior revela o processo de construção e reconstrução de uma identidade étnica associada a um território, a fazenda Água Negra, na Chapada Diamantina. Essa identidade é marcada pelo desejo de reconstruir uma memória coletiva na qual a religião járe (uma espécie de candomblé rural sincrético, uma variante do “candomblé caboclo”) tem uma participação principal, que como força unificadora revitaliza a o verdadeiro americano maravilhoso. Seus habitantes resistem às hegemonias da colonialidade, construída sobre a noção de raça: o discurso do empoderamento econômico (latifundiários, antes dos diamantes e antes destes, ouro), da religião (católica e evangélica), do saber (eurocentrismo), do sistema de dominação patriarcal. *Torto Arado* revela que a desigualdade começa pelo tipo de vínculo que se estabelece com a terra. É um romance que denuncia a continuidade do sistema de escravização e a resistência dessas minorias. Situa-se como um divisor de águas na literatura brasileira, transgredindo, como alguns outros autores, o discurso homogêneo em sua narrativa contemporânea. (Herrera, 2021, p.30)

Sutério é o gerente da fazenda, figura essencial nesse mecanismo de dominação presente no meio rural brasileiro, no período abordado na história. À medida que o romance vai se desenrolando, as representações das agruras vividas pelos personagens e seus antepassados também vão se configurando: como a dureza da vida na roça, a fome, o trabalho árduo e a mortalidade infantil.

Nesse sentido, Bibiana relata:

Salu disse que eu era a filha mais velha a primeira de quatro filhos vivos e de outros tantos que nasceram mortos. Belonísia veio pouco tempo depois, enquanto minha mãe ainda me amamentava, contrariando a crença de que quem amamenta não engravida. Entre nós duas, diferente dos intervalos entre outros filhos, não houve natimortos. Dois anos depois que nasceram dois filhos mortos veio Zezé e, por último, Domingas. Entre eles, mais duas crianças que não vingaram. Minha avó Donana, foi quem ajudou

minha mãe nos partos. Era nossa avó, mas também mãe de pregação. (Vieira Jr, 2019, p. 21)

Ademais, a relação de servidão a que foram submetidos é abordada por Bibiana:

O gerente queria trazer gente que trabalhe muito e que não tenha medo de trabalho, nas palavras de me pai, para dar seu suor na plantação. Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. Dinheiro não tinha, mas comida no prato. (Vieira Jr, 2019, p. 41)

A mudança de rumo inicia-se quando Severo, filho de Servó, irmão de Salustiana, toma consciência de toda a situação de exploração a que são submetidos e resolve sair de Água Negra para tentar uma vida diferente na cidade. Apesar de todas as advertências contra o casamento de primos, Severo e Bibiana unem-se em matrimônio e fogem juntos.

Agora, com Bibiana longe, a figura que aparece é a de Belonísia. É ela quem vai experienciar e enfrentar com todas as adversidades de uma mulher negra, muda e do campo. Porém, mostra-se apaixonada pela terra, pela vida no campo, ao mesmo tempo que despreza a educação tradicional: “Meu desinteresse só fazia crescer. Tinha a sensação de que perdia meu tempo naquela sala quente, ouvindo aquela senhora de mãos finas e sem calos, com um perfume forte que parecia incensar a escola nos dias de calor”. (Vieira Jr, 2019, p. 97)

Ao conhecer Tobias, mais um que chega a Água Negra nas mesmas condições que os outros, e unir-se a ele, Belonísia vai conhecer uma realidade imposta às mulheres de seu tempo, violência e machismo. Entretanto, ela vai se mostrar forte, lutando contra essa realidade.

Com a volta de Severo, depois de algum tempo fora de Água Negra, percebe-se uma mudança no comportamento dos moradores da fazenda. Um novo discurso se apresenta a partir do fortalecimento da conscientização da vida servil que levavam, como se percebe neste relato de Belonísia.

Com sua presença via reforçadas as impressões que ele havia me deixado desde sempre. Falava com dureza sobre nossas condições de vida na fazenda, a ponto de deixar meu pai embaraçado. Zeca nos fez saber, em muitas oportunidades, que falar mal de quem havia nos acolhido e permitido que morássemos e dali vivêssemos era ingratidão. Mas se poupou em não rebater os argumentos de Severo, talvez pela ocasião, pelo ressentimento a caminho de ser superado. (Vieira Jr, 2019, p. 131)

O cotidiano das personagens em Água Negra vai sendo descrito de forma bem detalhada, desde as pequenas conquistas, como a chegada da primeira televisão e a Romaria para Bom Jesus da Lapa, até iniciar o que se pode chamar de transição de poder do líder Zeca Chapéu

Grande para sua esposa Salustiana. Essa transição ocorre forçosamente devido à morte do grande líder dos quilombolas. Sua esposa, então, vê-se na obrigação de substituí-lo. Nesse momento, o autor traz toda a trajetória de Zeca Chapéu Grande, iniciando no seu nascimento, “cerca de trinta anos após a abolição, porém cativo dos descendentes dos senhores de escravos de seus avós” (Vieira Jr, 2019, p. 164).

Pinto (2021) faz referência à rejeição dos fazendeiros de que ali havia um quilombo e a resistência era justificada:

Por mais que os senhores da fazenda rejeitassem o fato de que a região era, na verdade, um quilombo, o que se justifica pela conjuntura histórica relacionada à escravidão instituída no Brasil, Bibiana protagoniza a revolta dos trabalhadores de Água Negra, mobilizados por ela, incentivando a luta contra as injustiças, as más condições de trabalho, a apropriação indevida de uma parcela da produção da roça de Zeca Chapéu Grande, o estado de eterna subordinação que os faziam permanecerem rendidos nesse espaço. (PINTO, 2021, p. 10)

Nesse momento, surge a figura da mulher forte, capaz de atuar em defesa dos trabalhadores da fazenda em um momento em que as dificuldades e as preocupações vão se tornando uma constante. A venda de Água Negra torna-se a mais recente. E, nesse instante, o texto narrado por Belonísia mostra o quanto essa situação incomoda a todos, pois viviam ali há anos, estavam já habituados aos antigos donos e, agora, a única certeza era a incerteza, o que estaria por vir e quais seriam as intenções dos novos donos: “Foi com as casas de barro e nossos corpos como mobília que venderam a terra a um casal com dois filhos.” (Vieira Jr, 2019, p. 176)

2.2 Água Negra: metáfora do Brasil

Em relação à questão territorial no Brasil, é importante destacar a Lei de Terras de 1850 que foi uma maneira de manter a estrutura agrária que impedia o acesso à terra pela população mais pobre. Com isso, foi possível ter trabalhadores livres que vieram da imigração, substituindo o trabalhador escravizado, sem colocar em risco a manutenção de tal sistema.

Essa discussão aparece em *Torto Arado* e, nesse sentido, o artigo *Torto Arado: ancestralidade negra costurada ao tempo e à terra*, de Karina Lima Sales, apresenta uma interessante reflexão sobre a temática ao mostrar como a posse da terra atualmente é reflexo de um passado que remete à escravidão. Práticas anteriormente adotadas e reintroduzidas no presente contribuem para a manutenção de uma ordem que mantém sem propriedade aqueles que da terra sobrevivem e a tem como único meio de sobrevivência.

Em *Torto Arado*, o tempo vem imbricado à terra, atravessando, pela rememoração, gerações de sujeitos expropriados do direito à terra, embora nela trabalhando e constituindo-a, desnudando conflituosas relações de exploração humana, historicamente constituídas e, infelizmente, ainda hoje passíveis de serem encontradas. Em nosso áspero tempo presente, eclodem, muitas vezes, notícias de pessoas vivendo em condições análogas à escravidão, exploradas pelo capital, vilipendiadas em seus direitos humanos. Em *Torto Arado*, essa relação com a terra nos é apresentada – via turbulência da memória, em que passado e presente se amalgamam – através de três vozes narrativas femininas, atravessadas por tantas outras vozes. (Sales, 2020, p. 186)

Neste mesmo artigo, é possível perceber a ênfase dada pela autora ao papel da mulher sertaneja na relação íntima com a terra, o que, na realidade, é uma característica comum que todos aqueles que se debruçaram a analisar *Torto Arado* percebem, o protagonismo feminino e a sua identidade a partir da terra.

Bibiana, em sua narrativa, vai desvelando ao leitor um pouco de seu processo de amadurecimento e a transformação em uma jovem mulher que “queria experimentar a vida, para ver o que poderia nos acontecer”. Na adolescência, no íntimo contato com o primo Severo, futuro companheiro, inicia-se o seu processo de consciência de pertencimento à terra, do engendramento de sua identidade a partir da terra. Em uma das conversas, Severo lhe diz que havia sido parido pela terra (...). (Sales, 2020, p. 187)

Sales destaca, em seu estudo, as lutas cotidianas para a sobrevivência, a resistência e as dificuldades, especialmente das duas irmãs Belonísia e Bibiana. Tais batalhas geram identificação com muitos daqueles que leem o romance, uma vez que se veem ali representados, como os negros brasileiros e, especialmente, as mulheres negras.

Na transição para a vida adulta, as irmãs seguem caminhos diversos: Bibiana, ausente por muitos anos de Água Negra – ainda que esta não possa sair nunca dela –, enfrenta situações adversas, sofre novas explorações de trabalho, pois o jugo ultrapassava os limites de Água Negra: “[...] percebeu que a vida além da Água Negra não era muito diferente no que se referia à escravidão” (2019, p. 214). Mas consegue, a duras penas, terminar os estudos e tornar-se a professora que sonhava, para orgulho do pai, que a queria professora da escola da fazenda, para a qual a filha e sua família retornam. Belonísia segue o fluxo de existência da fazenda, funde-se à terra mais e mais, sob a força do *Torto Arado* que rege as existências. (Sales, 2020, p. 188)

Ao tratar da origem de Água Negra, o autor discute também a origem da propriedade da terra no Brasil. A forma como os donos da fazenda, “os Peixoto”, tornaram-se os proprietários, como relata Belonísia: “A família Peixoto havia herdado terras das sesmarias.” (Vieira Jr, 2019, p. 176).

Porém o medo não impede a luta e a resistência, uma vez que esse sentimento é parte da história do povo, como diz Belonísia:

Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. (Vieira Jr, 2019, P. 178).

Em outro trecho, agora narrado por Santa Rita Pescadeira, vê-se claramente a luta pela terra. A entidade do jarê, ao perceber a presença de um capataz nas reuniões dos trabalhadores de Água Negra, na tentativa de intimidá-los, mostra como a disputa pela terra se apresenta:

Argumentaria que era sua terra, e que não iria mais tolerar aquela desordem de gente se reunindo para propagar ideias como as que Severo espalhava, ideias que tinham a intenção de prejudica-lo. “Nunca houve quilombola nestas terras”, podia ouvi-lo repetir, antes mesmo de se pronunciar. (Vieira Jr, 2019, p.219)

Sobre a dificuldade ao acesso à terra e a grilagem Bibiana diz:

Àquela altura, a terra da Fazenda Caxangá, que havia rendido fartura de frutos por toda a sua vida, estava retalhada. Cada homem com desejo de poder havia avançado sobre um pedaço e os moradores antigos foram sendo expulsos. Outros trabalhadores que não tinham tanto tempo na terra estavam sendo dispensados. Os homens investidos de poderes, muitas vezes acompanhados de outros homens em bandos armados, surgiam da noite para o dia com um documento de que ninguém sabia a origem. (Vieira Jr, 2019, p.22).

Os novos donos de Água Negra não tinham os mesmos interesses que os Peixoto. Novas regras, como a proibição de enterrar os mortos na Viração, o cemitério que por dezenas de anos foi utilizado para que enterrassem os entes queridos, fazia com que a mobilização aumentasse. Nesse contexto, a figura de Severo se fortalece e surge a consciência do direito de serem quilombolas. Mas outras práticas típicas de um regime de servidão são implantadas, como dívidas impagáveis nos armazéns dos donos da fazenda, promessas de pagamento de salários que jamais eram realizados. Diante disso, as tensões foram aumentando e as roças dos trabalhadores, destruídas, cercas derrubadas, galinheiros incendiados, culminando com o assassinato de Severo.

Ainda que em “Torto Arado” a escravidão não estivesse mais vigente na forma de lei, há o relato da permanência de situações de trabalho análogo à escravidão. Em vários momentos, alguns personagens analisam que quando “libertaram” os negros em 1888, o abandono persistiu e o povo continuou subordinado ao patrão, trabalhando por nada ou, simplesmente, trabalhando por morada. Aquele lugar era considerado como uma terra de maus-tratos, onde se podia morrer sem assistência, onde viviam “como gado”, trabalhando por muito pouco, totalmente sujeitados ao patrão. Consideravam que a escravidão permanecia, mas fantasiada de liberdade. Toda a renda gerada na fazenda

era do patrão e, vez ou outra, os moradores tinham que dar-lhes a terça parte da sua produção doméstica (as batatas maiores, feijão, abóbora, o óleo de dendê, e até as folhas para chá). Essa situação era vista pelas personagens do livro com deboche e indignação. Esse sentimento não era consenso entre os trabalhadores, em especial, os mais velhos, que aceitavam, ao seu modo, toda sorte de opressão. Zeca, um dos principais protagonistas, argumentava que a condição de morada era melhor, pois nos tempos antigos, não podiam ter roça e nem casa, tendo que viver amontoados em um barracão. (Aguilar, 2023, p. 202)

Com a abolição do trabalho escravo, os senhores não podiam mais ser proprietários de escravizados, o que os levou a usar estratégias, como burlar a lei de 1888 via mudança de nomenclatura. Não eram mais escravos, mas sim trabalhadores e moradores, junto a discurso paternalista cuja ideia era de que o branco seria o homem bom que abrigava o preto sem casa, agora sem castigo ou chicote, com o direito de cultivar sua rocinha para subsistência, desde que pagassem por esse uso e não construíssem casas de alvenaria.

No entanto, a conscientização aumenta na mesma proporção da intimidação, como é ilustrado pela encantada neste trecho: “Agora falam em direito dos pretos, dos descendentes de escravos que viveram errantes de um lugar para outro. Falam muito sobre isso. Que agora tem lei. Tem formas de garantir a terra. De não viverem à mercê de dono, correndo daqui pra acolá, como no passado.” (Vieira Jr, 2019 p. 212)

O desfecho da morte de Severo acompanha o discurso montado para justificar o genocídio negro, com a acusação de estar envolvido em disputa do tráfico de drogas. Nesse sentido, não resta dúvidas de que o livro é uma obra de luta, denúncia e resistência. Após a abolição, antigas práticas continuavam presentes, junto à impossibilidade de acesso à terra, e os meios adotados para esse fim são destacados em vários momentos. A separação entre mães e filhos, agora não mais pela comercialização dos escravizados, mas sim porque foram levados para que não morressem de fome, diante da dificuldade em alimentá-los; a tolerância ao indígena e não ao negro; a introdução do evangelismo num ambiente que só se praticava o jarê; a grilagem de terra. Tudo isso permeia a origem do preconceito e a relação com a terra, o viver na “roça”, o rancor diante do sofrimento, a resistência, o ser quilombola.

Outro aspecto relacionado à terra pode ser lido nas análises de Lima (2021), em relação à migração e remigração. Em “Algumas palavras sobre *Torto Arado*”, Mirella Márcia Longo Vieira Lima fala da relação entre a terra e a migração e a tentação do remigrar presente na obra. Para essa construção, a autora traz *Os sertões* de Euclides da Cunha, obra em que, segundo ela, se inicia esse fenômeno e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, narrativa em que as personagens também vão para a cidade na tentativa de uma vida melhor.

Em *Torto Arado*, porém, além dessa perspectiva da migração e remigração, existe uma tomada de consciência de que a vida urbana também é injusta, a partir do momento em que

Bibiana se torna professora. Esse despertar torna-se fundamental para o processo de luta pelos direitos dos que vivem na fazenda Água Negra e que agora se reconhecem como quilombolas. Portanto, esse trecho da narrativa configura-se uma tentativa de rompimento com o ciclo e não uma reprodução do mesmo.

Na tensão existente entre ligação à terra e tentação de migrar, repercute um aspecto que soa alto na literatura brasileira, pelo menos desde *Os Sertões* (1902). Euclides da Cunha viu, no apego do sertanejo a seu meio, uma força fatídica que o levava a remigrar, aprisionando-o.¹ Respondendo a essa visão fatalista, Graciliano Ramos situou, nos momentos finais de *Vidas secas*, um casal de sertanejos movendo-se para a cidade desconhecida, em busca de uma condição humana. Itamar Vieira Júnior retoma e revigora o debate. De alguma maneira, a fuga de Bibiana assemelha-se à do casal acossado pela seca, pelo soldado amarelo e pela exploração. Por outro lado, *Torto Arado* traz nova perspectiva. Obtendo informação, diploma de professora, consciência da sua condição de quilombola, Bibiana compreende que as relações de trabalho no meio urbano também são injustas. Assim, ela remigra – não para repetir o ciclo observado por Euclides – mas, para fazer com que a sua gente passe a clamar por direitos e também para tentar recompor o pacto com a irmã. (Lima, 2021 p. 737).

Lima (2021) conclui seu estudo, apresentando uma importante reflexão acerca da importância da consciência social para superar as mazelas brasileiras. Nesse caso, especificamente, as resistências, as tentativas de apagamento da história do negro e a dificuldade de acesso à terra.

O desfecho do romance parece sugerir que, no Brasil contemporâneo, consciência social e força continuam imprescindíveis para compor as estratégias de sobrevivência e de afirmação de territorialidades culturais. Agradando ao leitor que tende a aderir afetivamente às duas irmãs, os eventos que encerram a trama dão conta da tragédia brasileira. Afinal, tendo experimentado políticas direcionadas à diminuição do seu mal-estar social, o Brasil não as concretizou com suficiência e sustentabilidade impeditivas do confronto violento figurado como um “Rio de sangue”. (Lima, 2021, p. 738)

André Rezende Benatti, em *Memórias da exploração em Torto Arado*, a partir da análise das personagens traz um enfoque à questão do trabalho no Brasil. Nesse texto, o autor enxerga a obra de Itamar Vieira Júnior como uma denúncia de como se constrói e perpetua a precarização do trabalho no Brasil, desde a escravidão até as relações trabalhistas atuais.

A exploração do trabalho é uma das grandes marcas do romance de Itamar Vieira Júnior. Todo trabalho realizado no espaço fictício da Fazenda Água Negra é análogo à escravidão. Escravização naturalizada. Ao longo da história brasileira determinadas classes sócias e povos se arrogaram o direito de exercer domínio sobre os outros, por meio da força, submetendo-os aos seus interesses, sobretudo, econômicos. Em *Torto Arado* (2019), a primeira das narradoras, Bibiana, nos mostra claramente o domínio exercido sobre os trabalhadores. (Benatti, 2021, p. 139)

Conforme entrevista de Itamar Vieira Júnior à Folha de São Paulo, sua obra é:

(...) uma metáfora sobre a situação das populações que vivem em regiões do país como se ainda estivessem no século 18 ou 19. A escravidão não acabou em 1888 - ela se perpetua até hoje em sistemas de servidão e em brigas por direito à terra', diz. Com personagens descendentes de escravos, "*Torto Arado*" deixa mais perguntas do que respostas. De quem, de fato, é a terra onde vivem as comunidades tradicionais? Como manter essas tradições?

Embora seja ficção, queria mostrar que muita gente ainda luta por terra. Não por acaso morrem lideranças no campo todas as semanas, o que faz do Brasil um dos países mais violentos em relação às questões agrárias, completa. As palavras não são apenas de um escritor, mas de um servidor público que segue trabalhando com questões relativas à reforma agrária. Geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos pela Universidade Federal da Bahia, Itamar Vieira Junior se divide entre a nova vida de autor e as tarefas de funcionário público. (MOLINERO, 2019, s.p)

Fernandes (2021) destaca os pontos de *Torto Arado* que evidenciam a situação vivida pelos habitantes de Água Negra, relacionando-os com as consequências e reflexos da escravidão.

As consequências e reverberações da escravidão nas vidas das 40 famílias da comunidade rural de Água Negra são nítidas ao observar a realidade em que vivem. Descendentes de africanos escravizados, eles trabalham exclusivamente pelo direito de moradia em terras de propriedade privada, pertencentes a gerações consecutivas de famílias brancas. Muitas das famílias afrodescendentes em Água Negra se deslocaram até lá de forma espontânea, vindas de outros lugares acometidos pela seca ou pela falta de trabalho. Algumas pessoas eram levadas para trabalhar no local a pedido do próprio gerente da fazenda quando faltava mão de obra. Os donos da terra não vivem na fazenda e têm contato mínimo com a propriedade e com a população que nela vive. A relação exploratória por parte das famílias proprietárias da terra é enfatizada no romance, bem como o racismo expresso por elas quando há algum contato direto com as famílias de trabalhadores rurais. (Fernandes, 2021. p. 4).

Nesta análise, a autora Joyce Fernandes defende que as condições impostas à comunidade quilombola de Água Negra é o elemento que os leva a dar um novo significado a sua própria história e realidade. Dessa maneira, *Torto Arado* pode ser visto como resultado de uma reflexão ou uma consequência da observação de um contexto real.

Em outro artigo, intitulado *Propriedade da terra: um conceito em duas linhas*, Gislene Pereira propõe uma discussão sobre o uso da literatura como base para o estudo da propriedade da terra no Brasil e enxerga em *Torto Arado* as condições para a realização das reflexões necessárias.

(...) buscamos identificar no livro *Torto Arado* trechos que ilustrem a trajetória estudada, colocando os personagens como sujeitos que expressam nas suas vivências as relações sociais dominantes no seu tempo. Ao fazer a relação entre a história narrada em *Torto Arado* e o resultado da pesquisa acadêmica, pretendemos reforçar o uso do texto literário como fonte de confirmação de fatos históricos, ampliando as possibilidades de compreensão da realidade. (Pereira, 2021. p. 3)

Dentro desta proposta, a autora tem como objetivo identificar a relação entre a vida das personagens e os tempos históricos e, assim, mostrar como as personagens do romance vão paulatinamente tomando consciência da sua exploração e exigindo seus direitos na terra ocupada. É válido ressaltar que essa consciência era inexistente devido à prática vivida no período, em que a terra pertencia sempre a um “dono” e seus habitantes foram simplesmente os trabalhadores e nunca os proprietários. Nesse sentido, deveriam trabalhar até serem expropriados e, então, procurar uma nova terra para a repetição deste ciclo.

Logo, este estudo é mais um texto que aponta para a possibilidade de utilizar *Torto Arado* para se discutir a questão do acesso à terra no Brasil.

2.3 A PELE – Racismo estrutural e suas representações literárias em *Torto Arado*

Felizmente, embora de maneira tardia, o racismo vem sendo discutido intensamente nos últimos anos. O mito da democracia racial, muito difundido a partir da obra de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, fez com que o racismo ficasse velado no Brasil. Mas o fortalecimento dos movimentos sociais, a entrada de novos personagens em cena, permitiu que essa discussão ganhasse força. Nesse sentido, é preciso compreender o racismo como um fenômeno histórico, social e político, com um referencial teórico que parte de um diálogo entre autores que tratam do tema.

Considerando que o livro, objeto de análise, trata da história da comunidade negra, das suas dificuldades, da resistência, como também das suas festas e alegrias, dialogar com autores que discutem a temática do racismo estrutural, do empoderamento, da intolerância religiosa faz-se necessária, pois são temáticas que estão presentes na rotina dessas comunidades.

Nessa perspectiva, *Torto Arado* permite compreender como os mecanismos para a perpetuação do racismo foram sendo construídos, inventados e reinventados. A esse respeito, Silvio Almeida defende a tese de que o racismo é sempre estrutural:

A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. (Almeida, 2019, p. 12)

A reflexão sobre a perpetuação e a legitimação do racismo são destacados no artigo de Ubiratan M. Pinto que, ao discorrer sobre o cotidiano das personagens, na fictícia fazenda Água Negra, bem como as relações firmadas, apresenta como essas práticas permanecem

instrumentalizando o racismo, ao mesmo tempo que se organizam, nesses espaços, as formas de resistência por parte da comunidade.

A Fazenda Água Negra é um espaço de discriminação racial que pode ser percebida por meio da própria denominação do local. Se a ótica colonialista assinala as relações humanas firmadas nessas terras, isso significa dizer que o negro, invisibilizado na histórica e já conhecida condição de subalterno nesse ambiente de abuso e violência, não tem chances de ter uma vida digna devido ao racismo legitimado pelas estruturas de poder herdadas do mundo colonial (...) Bibiana e Belonísia, já adultas e cientes da realidade acerca do que vivenciam, testemunham a dissimulação das diferenças entre as classes sociais, uma vez que isso parece ser natural, lícito e aceitável. No entanto, a segregação racial sempre caracterizou a história de vida da família porque o racismo nunca deixou de existir e fazer vítimas até os dias atuais. (Pinto, 2021, p. 10)

Nesse viés, o livro *Torto Arado* merece atenção também pela presença de personagens femininas fortes e que se veem obrigadas, pelas condições que lhes são impostas, a assumir uma posição importante de liderança, de tomada de decisões dentro daquele contexto, o que leva a refletir sobre o papel exercido pela mulher, em especial a mulher negra, que não é de submissão ou de leniência, mas sim de uma atuação contundente na busca pelos direitos e afirmação de sua história. Acerca dessa questão, Joice Berth destaca que:

(...) empoderamento já era utilizado como importante estratégia de sobrevivência e resistência de mulheres negras, e após sua teorização, as mulheres negras, marcadamente feministas negras, pensam de uma maneira mais abrangente ao ter a interseccionalidade como ferramenta essencial de estratégia e de luta política. (Berth, 2019, p. 67).

Nesse interim, é inegável que a presença dessas personagens femininas e negras em *Torto Arado* é um elemento que faz da obra objeto de análise por aqueles que discutem o feminismo, especialmente o feminismo negro, numa sociedade dominada pelo patriarcado, fato que fomenta o debate em torno da opressão sofrida pelas mulheres e mais ainda pelas mulheres negras.

Ao analisar as trajetórias dessas mulheres, representadas por três figuras femininas fortes, Belonísia, Bibiana e Santa Rita Pescadeira (encantada), Joelma de Araújo Silva Resende, Margareth Torres de Alencar Costa e Maria Helena de Oliveira em *A Resistência da Mulher Negra em Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr. denunciam todo estigma vivido pelas mulheres naquela sociedade assim como na atual.

As irmãs gêmeas Crispina e Crispiniana, por exemplo, tinham relações com o mesmo homem, e todos fingiam não saber da bigamia de Isidoro. O importante era ter um homem em suas vidas, para que pudessem procriar, mesmo que fosse dividindo com a irmã o mesmo marido.

A ideia predominante é que filhas dão mais trabalho porque engravidam. E os homens quando engravidam as mulheres, não têm responsabilidades de pai? A responsabilidade não é a mesma? Infelizmente, ainda é muito comum o abandono paterno, como se fosse obrigação apenas da mãe criar os filhos, independente da situação. Questões como o aborto e abandono parental ainda são tabus em um país predominantemente machista e misógino. O pai de Bibiana e Belonísia, filho de Donana, Zeca Chapéu Grande, recebia uma entidade e em algumas comemorações religiosas precisava vestir trajes femininos. Para ele, era vergonhoso ter que aparecer em público com essas vestes. Nota-se, em sociedades patriarcais, a rejeição à figura feminina, como se fosse algo que causasse humilhação, o que mostra que ser homem era algo superior a ser mulher, um ser rebaixado. (Resende; Costa; Oliveira, 2021, p.30).

Dênis Moura de Quadros, em seu trabalho intitulado *A construção das protagonistas afro-brasileiras em Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, mostra como o autor desconstrói os estereótipos de personagens femininas negras presentes na Literatura Brasileira e que são oriundos do período colonial. Ao representá-las como mulheres fortes,

A obra apresenta o protagonismo negro, sobretudo das mulheres negras, e da cultura religiosa de matriz negro-indígena do jarê. Além disso, a escolha lexical entremeia termos da variação local demarcando o espaço das narradoras e permite o acesso a leitores menos experientes ao enredo que dialoga com muitas histórias de famílias negras remanescentes de um período escravagista que, ainda, produz eco na sociedade brasileira. (Quadros, 2019, p.8).

Quadros destaca o rompimento em *Torto Arado* com termos como “mulata”, carregados de significados pejorativos, divulgados por autores como Jorge Amado. Ainda há presença das negras, apenas nos serviços domésticos ou da figura exótica como Chica da Silva e da figura da mãe negra ou da preta velha, como a tia Anastácia, construída por Monteiro Lobato.

Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira transitam entre os estereótipos presentes na literatura brasileira e levantadas no Dicionário de personagens afro-brasileiros (2010) retomando características comuns como, por exemplo, das mulheres negras e pobres, e rompendo com outros como o das mulatas, objetos de desejo, transmutando-as em corpos que desejam e não mais apenas desejados. (Quadros, 2021, p. 17)

Em *A cabeça do santo e Torto Arado: ressonâncias da violência social e racial no Brasil contemporâneo* de Ubiratan Machado Pinto, o autor faz uma reflexão relacionada às crises contemporâneas que, segundo ele, são resultado da exclusão vivida pelos negros em razão do processo escravocrata.

O autoritarismo nunca foi novidade no Brasil. Assim como a submissão dos desfavorecidos à elite brasileira também sempre fez parte do sistema econômico e político do país. Há uma dicotomia que explica o feroz processo civilizatório do país e não é nem um pouco complicado de estabelecer a oposição sociológica que nos divide há tanto tempo: na luta de classes, confrontam-se o colonizador europeu e o indígena colonizado, o senhor de engenho e o escravo, o burguês e o criado, o rico e,

finalmente, o pobre, herdeiro de todos os estigmas enumerados nessa relação. Estar em condições de pobreza é estar suscetível a receber todos os rótulos discriminatórios que reduzem o ser humano a um estado permanente de degradação moral e social. (Pinto, 2021, p. 2).

Ubiratan M. Pinto, como muitos dos autores que analisam *Torto Arado*, também destaca a força das personagens femininas do romance, tendo em vista que questões como a terra e a exploração social são apresentadas e discutidas pelas irmãs Belonísia e Bibiana. Ao dizer que a visão apresentada na obra não se trata de uma visão masculina, como de praxe ocorre nas sociedades patriarcais, ele atenta para o fato de que o romance tem essa qualidade de explicitar a voz das mulheres numa sociedade dominada pelo machismo.

Bibiana torna-se professora, une-se ainda mais à Belonísia e procede como a sua porta voz em vários momentos de vida que tinham na Fazenda Água Negra. A propriedade rural na qual algumas famílias trabalham é, na verdade, um local de ancestralidade negra, um latifúndio de exploração social bastante comum em diversas regiões do Brasil. Os pontos de vista que se expõem nesse romance não são aqueles estabelecidos por narradores homens e brancos, socialmente privilegiados por conta da história colonial brasileira, mas, sim, tratam-se de perspectivas femininas, sobretudo de mulheres negras que se mostram conscientes da servidão a que estão condicionadas. Elas ocupam um lugar de resistência há muito tempo habitado por seus antepassados. O que vem à tona no decorrer das páginas de *Torto Arado* é luta pela conservação da identidade quilombola das irmãs e dos habitantes que realizam suas lidas na fazenda. (Pinto, 2021, p. 9)

O conceito de raça também merece uma abordagem, sendo que foi um tema muito utilizado, ao longo da História, a fim de justificar uma suposta inferioridade do povo negro. Sobre tal situação, Kabengele Munanga (1988) aborda como a produção de falsos discursos foi utilizada para justificar a inferioridade do negro: “O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica. Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou desvio à norma.”

A esse respeito, Munanga diz:

A desvalorização do negro não se limitará apenas a esse racismo doutrinal, transparente, congelado em ideias, à primeira vista quase sem paixão. Além da teoria existe a prática, pois o colonialista é um homem de ação que tira partido da experiência. Vive-se o preconceito cotidianamente. Conjunto de condutas, de reflexos adquiridos desde a primeira infância, valorizado pela educação, incorporou-se o racismo colonial tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que ele parece constituir uma das mais sólidas estruturas da personalidade colonialista. (Munanga, 1988, p. 12).

A partir de tais estudos, fica evidente que história do negro na educação é importante para a compreensão de como as teorias racistas atravessaram os anos, foram e continuam sendo reproduzidas ainda nos dias de hoje.

Acerca dessa questão, Renísia Garcia afirma:

(...) os negros ocuparam (e ainda ocupam) nos materiais didáticos e paradidáticos uma condição inferior. Ainda são retratados de forma jocosa, ou como vítimas submissas aos mandos e desmandos do 'senhor'. Pouco ou nada, se fala dos excelentes carpinteiros, marceneiros, canoieiros, vendedores, além de agricultores e pecuaristas, negros, do Brasil-Colônia e do Brasil-Império, no sentido de reverter essa visão negativa do escravizado submisso e animalizado. (Garcia, 2007, p. 4).

Em *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea*, Regina Dalcastagnè, utilizando-se de dados estatísticos, discorre sobre o reflexo do racismo estrutural brasileiro na literatura. Segundo a autora, o racismo que afasta os negros dos centros de decisão e de poder é o responsável por afastá-los da literatura, o que explica a ausência de autores e personagens negros.

Espaço onde se constroem e se validam representações do mundo social, a literatura é também um dos terrenos em que são reproduzidas e perpetuadas determinadas representações sociais, camufladas, muitas vezes, no pretense "realismo" da obra. A ideia de realismo se ancora, neste caso, na ilusão de que o escritor toma seus modelos diretamente da realidade, e não que lida com outras representações. Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrevê-las, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento – mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante delas nos implica, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos. (Dalcastagnè, 2008, p. 106).

Em *Torto Arado*, o enfrentamento ao racismo assume uma postura que difere das adotadas por grande parte da literatura contemporânea, mas que não deixa de ser eficaz em razão disso. Ao contrário, apresenta-se como uma possibilidade de inovação para enfrentar as questões raciais que estão presentes no cotidiano brasileiro.

No romance, os descendentes de escravizados aparecem como seres humanos que trabalham, lutam, resistem. E, apesar de viverem em uma situação análoga à escravidão, uma vez que a abolição, pouco significou para essas populações, conseguem trazer as memórias, o misticismo, os costumes, desse lugar onde tudo se caracteriza como fatores de insubordinação, diante de todo o quadro de exploração a que estão submetidos.

Na terceira parte do romance, em que a narração é feita pela entidade do jarê, a encantada Santa Rita Pescadeira, são constantes as denúncias sobre as condições da vida dos negros após a abolição, como fica demonstrado neste trecho:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levaram o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos. (Vieira Jr, 2019, P. 220).

Na contemporaneidade, o genocídio dos negros no Brasil é justificado pelo tráfico de drogas, um tema também abordado por Itamar Vieira Júnior, na voz de seus personagens. No romance, a morte do líder Severo pela polícia é assim justificada, como se pode perceber neste trecho, narrado pela encantada:

A mentira de que ele cuidava de plantio de maconha não ficará de pé. Nós sabemos quem planta, disse sem desviar o olhar do povo à sua frente. Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro. Nós sabíamos que não era troca de tiros. Que era extermínio. (Vieira Jr, 2019, p.221).

Em outros momentos, a encantada evidencia as estratégias de resistência e a intolerância aos negros:

Miúda e o povo daqui não diziam que eram pretos. Pretos não eram bem-vistos, tinham que deixar a terra. Então dizia que era índia. Os outros diziam que eram índios. Índio não deixava a terra. Índio era tolerado, ninguém gostava, mas as leis protegiam, era o que pensavam. Os outros torciam o bico, porque viam que eram pretos. Mas o povo começava a contar que foi pego a dente de cachorro. (Vieira Jr, 2019, p. 223).

A forma como o racismo é abordado em *Torto Arado* é um dos elementos que lhe garantiu tamanha notoriedade. O romance traz as lutas, os sofrimentos, as aspirações da comunidade quilombola, ao mesmo tempo que denuncia a permanência e a proliferação das práticas racistas institucionalizadas no Brasil. Porém, tudo isso é feito mantendo a capacidade de valorizar as práticas culturais dessa imensa parcela da população brasileira que está representada nessa obra literária recente cujo mérito está também em se deslocar para o interior

nordestino, diferentemente do habitual, visto em algumas obras, que privilegiava os grandes centros.

Em “O Legado traumático da escravidão em *Torto Arado*”, Joyce Fernandes discute os traumas e as implicações que a escravidão deixou na população afro-brasileira. Traumas estes apresentados por meio das narrativas pessoais das irmãs Belonísia e Bibiana e da “encantanda”, Santa Rita Pescadeira. Neste estudo, a autora defende que as narrativas possibilitaram voz, via personagens, a um grupo até então ignorado por grande parte dos brasileiros, as inúmeras comunidades rurais de afrodescendentes espalhadas pelo Brasil. Logo, a mistura de ficção e realidade, presente no romance, é capaz de proporcionar um debate sobre o legado da escravidão no país, refletir sobre seus traumas e, conseqüentemente, apontar estratégias de resistência dessas comunidades.

A escravidão no Brasil e suas conseqüências sociais após a abolição deixaram profundos traumas na população afro-brasileira. Além dos traumas imediatos sentidos pelos africanos e afro-brasileiros escravizados ao longo de três séculos na história do Brasil, outros tipos de traumas foram perpetuados e coletivamente construídos tendo a escravidão como ponto de referência. O legado da escravidão está diretamente ligado aos abusos praticados na manutenção do sistema escravocrata. No entanto, esse legado se refere principalmente às formas que os descendentes de indivíduos escravizados encontraram para resistir e sobreviver em uma sociedade altamente hierarquizada, desigual e racista. (Fernandes, 2021. p. 2).

Falar, então, do racismo estrutural é falar dos traumas que a cor da pele impõe, pelo trabalho forçado, pela discriminação, pelos abusos do poder. Por outro lado, é falar das resistências cotidianas e da luta contínua que traz na pele a marca de seus condicionamentos e de suas superações.

2.4 O AXÉ – Representações da religiosidade e das práticas culturais em *Torto Arado*

A religiosidade africana é muito explorada no livro. Ao apresentar a festa do jarê encantado, uma prática religiosa existente na Chapada Diamantina, fica evidente como a cultura dos povos negros daquela região resiste, apesar de toda intolerância religiosa em relação às religiões de matriz africana:

No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio. (Nogueira, 2020, p.19).

Karina Lima Sales aponta o fenômeno da religião como um espaço de força para superar as adversidades a que estão submetidos. A religião, segundo a autora, é o contraponto necessário para a sobrevivência, enfatizando-se a força feminina, uma vez que a entidade religiosa do jarê é uma figura feminina.

Essa entidade, força feminina, parece tudo ver e conhecer dos povos que vivem na região em que se passa a trama, sertão da Bahia, território marcado pela força da natureza sobre a terra, com seus ciclos de seca e de abundância que regem as maneiras de viver, a importância do Rio Santo Antônio e dos marimbus. Essa entidade, como voz narrativa, retoma elementos trazidos pelas vozes narrativas anteriores, dá voz a outras personagens, aponta-nos a consciência da força da ancestralidade e da religiosidade que sempre marcaram a vida da família de Zeca Chapéu Grande e de toda a comunidade de Água Negra, que o veem como liderança espiritual e lhe têm grande estima e respeito. A entidade tudo sabe e vê a transformação dos habitantes de Água Negra, construindo a percepção de seus direitos: “Muitos nunca estiveram conformados com os interditos, mas durante muito tempo foi necessário permanecer quieto e submisso para garantir a sobrevivência. Agora falam em direito dos pretos, dos descendentes de escravos que viveram errantes de um lugar para o outro” (2019, p. 212). E é sob o prisma da entidade que vemos as irmãs amadurecerem mais e mais e se fortalecerem na luta pelo direito dos trabalhadores negros de Água Negra à terra, cada uma a sua maneira. (Sales, 2020, p. 187).

Como fica visível, a religiosidade aparece no romance, como um dos pilares de resistência do povo quilombola. E todo o sincretismo religioso presente na obra pode ser entendido como resultado da tentativa de manter as tradições das religiões de matriz africana num espaço tradicionalmente cristão.

Em relação à narrativa, Pinto (2021) destaca que Vieira Jr não oferece ao leitor uma marca específica da temporalidade, o que o permite evocar um período quando as relações coloniais são evocadas, bem como os conflitos e contradições do tempo presente que evidenciam o racismo estrutural.

É neste espaço da resistência que a religiosidade se torna fundamental, uma vez que o autor demonstra o quanto o ritual do jarê se mostra importante para a sobrevivência dessas comunidades. É na religião que se agarram para resistir e buscar alternativas de enfrentamento a todo o quadro de incertezas e inquietudes a que são submetidos.

O ritual de jarê, a prática religiosa sincrética típica da região da Chapada Diamantina, provida de influências africanas e indígenas, na qual há a fusão de elementos do candomblé dos caboclos, do catolicismo rural e do espiritismo kardecista é uma referência fundamental da crença e da formação cultural de Bibiana e Belonísia. Zeca Chapéu Grande, “curador de jarê”, é o guia espiritual da localidade e o exercício do culto, surgido à época do ciclo da mineração, no final do século XVIII, pode ser entendido como a persistência de um costume hierático que, cultivado pelos quilombolas do período colonial, representa não apenas a devoção do povo escravizado pelos colonizadores desumanos dessa fase histórica, como também

distingue e valoriza o legado identitário desprezado nas terras de leis arbitrárias de Água Negra. (Pinto, 2021 p. 11)

Ao observar as práticas religiosas presentes no livro, observa-se fortemente elementos do catolicismo, da umbanda e do espiritismo kardecista. Tal sincretismo fica evidente quando Belonísia fala da romaria à cidade de Bom Jesus da Lapa, de seus pais Salu e Zeca Chapéu Grande, como pagamento de uma promessa feita pelo retorno da filha Bibiana que havia partido com Severo e em agradecimento pelo retorno da chuva.

O ano do retorno da filha foi a última vez que meu pai e minha mãe viajaram para os festejos de Bom Jesus da Lapa, terra de Salu, em caminhada e romaria, promessa feita por ocasião da partida de Bibiana e Severo, para que retornassem à fazenda. (...) A romaria também era para agradecer a chuva, ainda que cada vez mais parca. Por isso, muitos moradores, principalmente os mais antigos, partiram naquela viagem. (Vieira Jr, 2019, p. 157).

Nesse contexto de vulnerabilidade social, marcado pela ausência de assistência médica, de abandono, é que a religiosidade se apresenta como alternativa e como elemento de união desses povos, como é relatado por Bibiana:

Eram pessoas desconectadas de seu eu desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças os poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. Desde cedo, havíamos precisado conviver com essa face mágica de nosso pai. Era um pai igual aos outros pais que conhecíamos, mas que tinha sua paternidade ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra. (Vieira Jr, 2019, p. 33).

A força da religião expressa na fé das personagens está sempre presente no desenrolar do romance. E, ao tratar dessa manifestação religiosa, típica da chapada Diamantina, o jarê, Itamar Vieira Júnior contribui de forma significativa para a preservação da cultura dos povos quilombolas que, como ele mesmo diz, resiste a um processo de apagamento.

Na obra em estudo, a personagem Bibiana faz descrições bem detalhadas das cerimônias de jarê:

Zeca Chapéu Grande se envergonhava de ter que deixar as calças que honravam a sua posição de liderança na fazenda, como pai espiritual, e vestir saias, emprestando seu corpo a uma mulher. Fazia porque era a sua obrigação, compromisso que havia assumido quando se curou da loucura e se fez no santo na casa de João do Lajedo, em Andaraí. Mas se envergonhava, porque a audiência era formada por seus compadres e vizinhos, que muitas vezes conduzia nos trabalhos de mutirão para a fazenda. Nessa noite, fiquei ao lado das filhas de santo que o ajudavam a se trocar durante a celebração. Os trocadores aqueceram seus tambores na fogueira acesa no terreiro. A primeira a chegar, após a ladainha e a saraivada de fogos, foi justamente a dona da festa, santa Bárbara; a caixa trazida por dona Tonha continha a saia vermelha, o adê e

a espada de Iansã, todos os adornos que a santa vestiria. O quarto dos santos, onde rezavam a ladainha, tinha velas acesas e uma profusão de cores das imagens e bonecas. Havia imagens de gesso e madeira de diferentes tamanhos e estados de conservação. São Sebastião, Cristo Crucificado, o Bom Jesus, são Lázaro, são Roque, são Francisco, padre Cícero. Havia pequenos quadros, uns de cores vivas, outros desbotados, de são Cosme e são Damião, Nossa Senhora Aparecida, santo Antônio. Havia fotografias de meus pais, da velha Donana, outras tantas, pequenas, de devotos, Havia flores de papel, algumas mais novas, outras pálidas. Sempre-vivas, que colhíamos na estrada ou nas cercanias, entre as rochas. (Vieira Jr, 2019, p. 63)

Nesse sentido, a prática religiosa na obra soa também como um ato de resistência, uma vez que a intolerância religiosa no Brasil está na “formação da colonização” do país, como nos diz Sidney Nogueira (2008), ao analisar o percurso da intolerância religiosa.

A verdade é que o Brasil, como sociedade ocidental, não nasceu como uma democracia religiosa. Não é necessário que se vá muito longe na história do nosso país para entender que a intolerância religiosa e a farsa da laicidade têm como origem o colonialismo. Desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores. (NOGUEIRA, 2008, p. 20).

Como já dito anteriormente, valorizar as práticas culturais de origem africana é uma das qualidades de *Torto Arado*. Nesse sentido, tratar de uma prática religiosa de matriz africana e que se faz presente somente na Chapada Diamantina, torna essa obra ainda mais especial, sobretudo por mostrar que, apesar de todo o estigma de que essas religiões são vítimas, essas práticas resistem. E, assim, mais uma vez, a obra se justifica pela sua característica de enfrentamento ao racismo, o que é percebido como propósito do autor para aqueles que fazem a leitura da obra.

Em “*Torto Arado e o encontro com o Brasil profundo*”, William Faulkner (2021) trata da beleza da obra em retratar a cultura nacional, utilizando-se dos mitos de origem, das histórias e daqueles heróis que intencionalmente foram silenciados, como se vê no trecho a seguir:

Outro tema que chama atenção em *Torto Arado* é o significado particular da experiência da loucura. Na cosmovisão do Jarê, sincretismo religioso que reúne elementos das religiões africanas e indígenas e que constitui praticamente mais um personagem importante na narrativa, a loucura é um rito de passagem. Isso se revela no momento em que Zeca Chapéu Grande, um dos personagens centrais, “vira onça” — virar onça como uma metáfora para a loucura, um trânsito entre mundos como no conto de Guimarães Rosa (1962), *Meu tio, o Iauretê*. Após “desonçar”, depois de ser curado por sua mãe, Donana, Zeca se torna o Curador da comunidade, incorporando espíritos, “encantados” ou “encantadas”, tratando os enfermos com suas ervas, rezas e plantas. (Faulkner, 2021, p. 116)

Faulkner aborda toda a contribuição do romance em temas centrais da história brasileira, como a temática do racismo estrutural e histórico do país e a denúncia ao patriarcado, dando

protagonismo à presença marcante de figuras femininas. Tais temáticas, mesmo sendo uma marca impregnada do Brasil, segundo o autor, pode soar ao leitor como algo distante, mas, ao mesmo tempo, familiar, o que explicaria também tanto apreço pela obra.

Para grande parte do público leitor de *Torto Arado*, tudo o que é ali narrado é de certo modo estrangeiro, mas ao mesmo tempo há algo familiar e afetivo, que talvez explique o enorme sucesso do livro que é hoje campeão de vendas no Brasil. O próprio Itamar Vieira Junior sugere, em uma entrevista, que esse interesse pode derivar do fato de a narrativa ser construída com sentimentos que fazem parte da experiência humana (Faulkner, 2021, p. 115).

O encantamento de Faulkner por *Torto Arado* vem também desta capacidade que Itamar Vieira Júnior tem em apresentar uma narrativa onde as personagens principais são aquelas que não tiveram visibilidade, mas ao contrário sempre tiveram as vozes silenciadas na tentativa de apagamento de sua história.

Em relação à estrutura da obra, é interessante constatar que as articulações entre os capítulos, feita na última parte do livro, é narrada pela entidade do jarê. É por meio da religiosidade, do encanto e da magia, que se pode contar e reviver o que ficou interdito nos capítulos anteriores, narrados por Belonísia e Bibiana. Só o ser onipresente consegue passar por todas as situações ali descritas e reuni-las, dando-lhe sentido.

Em suma, a religiosidade, a espiritualidade, a crença, os rituais são, em *Torto Arado*, o que relaciona as trajetórias dos/das personagens às passagens temporais, à resistência e à luta pela terra e pelo território, numa dimensão que inclui o sagrado a ser reverenciado.

CAPÍTULO III

PRODUTO FINAL

4.1 Plano de Aula 1 - A IMPORTÂNCIA DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA GARANTIA DA EDUCAÇÃO E CIDADANIA A PRETOS E PARDOS NO BRASIL

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

(EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, bem como propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo os quilombolas), no Brasil contemporâneo, considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira - com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes - propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

4.1.1 Ano: A atividade pode ser desenvolvida nos três anos do Ensino Médio

4.1.1.2 *Materiais Complementares*

4.1.1.3 *Documentos*

Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf.

As cotas abrem portas.

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ana-cristina-rosa/2023/08/as-cotas-abrem-portas.shtm>.

4.1.1.4 *Livro*

Torto Arado, Itamar vieira Júnior

4.1.1.5 *Objetivos de Aprendizagem do DC-GOEM - (GO-EMCHS601A)*

Identificar as origens históricas dos povos indígenas e das populações afrodescendentes no Brasil, considerando textos e fontes históricas que trabalham o tema da escravidão para conhecer as raízes da desigualdade étnico-racial no país, marcantes desde o período colonial até os dias atuais.

4.1.1.6 *Desenvolvimento*

O professor pedirá antecipadamente aos alunos que realizem a leitura do livro em outro horário que não ao das aulas. Para esta atividade, serão utilizados os fragmentos de texto, expostos a seguir.

A sensibilização será feita através da leitura oral dos fragmentos e uma discussão mediada pelo professor acerca dos pontos que relacionam *Torto Arado* aos dois outros fragmentos.

Após a discussão, será pedido aos alunos que realizem a atividade proposta.

4.1.1.7 *Avaliação*

A avaliação se dará mediante a apresentação dos textos de forma coletiva, permitindo o debate e a troca de experiências, quando será observado se os alunos conseguiram perceber a necessidade da política de cotas para a inclusão de pretos e pardos no sistema de ensino superior e, assim, garantir também o direito à cidadania.

Figura 3 - Excerto do livro *Torto arado*

Meu povo seguiu rumando de um canto para outro, procurando trabalho. Buscando terra e morada. Um lugar onde pudesse plantar e colher. Onde tivesse uma tapera para chamar de casa. Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores. Não poderiam arriscar, fingindo que nada mudou, porque os homens da lei poderiam criar caso. Passaram a lembrar para seus trabalhadores como eram bons, porque davam abrigo aos pretos sem casa, que andavam de terra em terra procurando onde morar. Como eram bons, porque não havia mais chicote para castigar o povo. Como eram bons, por permitirem que plantassem seu próprio arroz e feijão, o quiabo e a abóbora. A batata-doce do café da manhã. "Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil morada em outro canto."

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 1ª ed, 2019 p. 204

Fonte: Vieira Junior (2019)

Figura 4 - Reportagem sobre cotas

As cotas abrem portas

Sigamos atentos e vigilantes para que não haja retrocesso

Um rápido passar de olhos nas fotos da comemoração da aprovação do projeto que reformula a Lei de Cotas nas universidades federais pela Câmara, semana passada, é o suficiente para entender a relevância da diversidade nos espaços de poder e tomada de decisão. [...] A educação é um direito capaz de transformar vidas, porém historicamente negado —ou sonegado— a pretos e pardos no país. A Lei de Cotas vem mudando a realidade de milhares de brasileiros ao criar espaço nas universidades públicas para gente que não costumava estar lá para ocupar um dos bancos acadêmicos. São filhos de porteiros, de empregadas domésticas, de pedreiros, de motoristas, gente proveniente de famílias "menos favorecidas" (como definem alguns) que tem conquistado instrução superior. [...] Mudanças importantes ocorridas nesta revisão legislativa são o fato de que a lei se torna permanente, pondo fim à insegurança jurídica que pairava sobre a validade das cotas, e a inclusão expressa dos quilombolas entre os cotistas.

Folha, 13.ago.2023. As cotas abrem portas. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ana-cristina-rosa/2023/08/as-cotas-abrem-portas.shtml>.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ana-cristina-rosa/2023/08/as-cotas-abrem-portas.shtml>.

Figura 5 - Texto sobre desigualdade social e racial

Uma série de indicadores educacionais da população preta ou parda apresentou trajetória de melhora entre 2016 e 2018, tanto como resultado da escolaridade acumulada ao longo das gerações, quanto em decorrência de políticas públicas de correção de fluxo escolar e ampliação do acesso à educação promovidas desde os anos 1990. No entanto, a desvantagem da população preta ou parda em relação à população branca continuou evidente. [...] Com vistas a ampliar e democratizar o acesso ao ensino superior, uma série de medidas foi adotada a partir dos anos 2000: na rede pública, a institucionalização do sistema de cotas, que reserva vagas a candidatos de determinados grupos populacionais, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni e o Sistema de Seleção Unificada - SiSU; e, na rede privada, a expansão dos financiamentos estudantis, como o Fundo de Financiamento Estudantil - FIES e o Programa Universidade para Todos - Prouni. Com a trajetória de melhora nos indicadores de adequação, atraso e abandono escolar, estudantes pretos ou pardos passaram a compor maioria nas instituições de ensino superior da rede pública do País (50,3%), em 2018. Entretanto, seguiam sub-representados, visto que constituíam 55,8% da população, o que respalda a existência das medidas que ampliam e democratizam o acesso à rede pública de ensino superior.

IBGE. Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil. In: Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro, 2019, p. 7-9. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 01 de outubro de 2023.

Fonte: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

Questão 01 - A leitura de *Torto Arado* nos permite uma série de reflexões acerca do papel de trabalho subalterno que fora delegado aos pretos e pardos no Brasil, tornando mínimas as chances de se conseguir uma vida digna a estas populações. Analisando o proposto no livro, a matéria jornalística e as informações do IBGE, apresentadas acima escreva um texto discutindo a importância de ações afirmativas para garantir o acesso à educação superior aos pretos e pardos no Brasil.

4.2 PLANO DE AULA 2 - DISCURSO DE ÓDIO, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E RACISMO – 9º ano do Ensino Fundamental

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

4.2.1.1 Materiais Complementares

4.2.1.2. Documentos

O que é, afinal, discurso de ódio?

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/RXkbT9DQQ4bfxxmfJbEDf5VcmY5qru8aDZMPkyKRw4bkQmnY9XwYY2rkkdMT/o-que-e-afinal-discurso-de-odio.pdf>

Não confunda discurso de ódio com liberdade de expressão.

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/K9aJFzVv5q8z4wybwtg9cSjpcdk8N98bxydAGrDtE7urErf958P8sud4YhBW/nao-confunda-discurso-de-odio-com-liberdade-de-expressao.pdf>

Cartaz: O que é, afinal, discurso de ódio?

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/PwS9GWUvNGFc4RGCfdPBnqMpuQ865Qzv3MN7KtFB5SrmRTDe4mE3tECFYemP/cartaz-o-que-e-afinal-discurso-de-odio.pdf>

4.2.1.3 LIVRO

Torto Arado, Itamar Vieira Júnior

4.2.1.4 OBJETIVO

TEMPO ESTIMADO: 2 minutos para apresentar o tema aos alunos o professor poderá projetar o objetivo da aula e ler em voz alta.

4.2.1.5 CONTEXTO

TEMPO ESTIMADO: 15 minutos para iniciar esta etapa pedindo aos alunos que descrevam situações conhecidas por eles que caracterizaram comportamentos racistas de qualquer natureza. No dia a dia, na escola, ou qualquer outro ambiente por eles frequentados. Caso tenham dificuldade, o professor poderá começar citando os inúmeros casos denunciados pela

impressa cotidianamente. Em seguida, promover um debate sobre a propagação desses comportamentos em todos os meios, inclusive nas mídias digitais.

4.2.1.6 *Problematização*

TEMPO SUGERIDO: 25 minutos.

Inicie esta etapa da aula, projetando a imagem ou escrevendo no quadro a frase “O que é, afinal, discurso de ódio?”. Pedir aos alunos para responder e anotar no quadro. Em seguida, dividir a classe em trios e entregue impressos trechos dos textos que apresentam o conceito de discurso de ódio (“O que é, afinal, discurso de ódio?”) e o trecho do livro *Torto Arado* que trata da situação dos ex-escravizados, após a abolição, e debate os textos tentando identificar a origem do racismo presenciado diariamente. Peça para os alunos analisarem os textos. Em seguida, entregue uma folha de papel A4 para cada trio e peça para que produzam um protesto que denuncie o discurso de ódio e o racismo. Incentive os alunos a usar a criatividade. A produção pode ser um desenho, uma frase, uma imagem, uma charge, um poema, uma história em quadrinho etc.

4.2.1.7. *Sistematização*

TEMPO SUGERIDO: 10 minutos.

Para a sistematização da aula, projete o cartaz ou escreva no quadro a frase “Não confunda discurso de ódio com liberdade de expressão”. Peça para um dos trios explicar o que esta frase significa (se necessário corrija equívocos conceituais). Em seguida, sorteie ou selecione dois trios para apresentar sua denúncia (fixe na parede da sala as outras denúncias construídas pelos alunos). Finalize a aula relacionando o discurso de ódio com o racismo e o passado escravocrata do Brasil e debatendo sobre a importância das denúncias quando a liberdade de expressão é transformada em discurso de ódio.

TEXTO 1 - O que é, afinal, discurso de ódio?

(...) “O discurso do ódio pode ser conceituado como o ataque a grupos étnicos, raciais, religiosos, minorias sexuais ou a qualquer outro grupo vítima de preconceito, inclusive em decorrência de origem territorial, caracterizado por pregar a intolerância em relação aos discriminados, buscando ou propondo, direta ou indiretamente, sua exclusão da sociedade, eliminação física, remoção do lugar em que vivem”, explica o Procurador da República Rômulo Moreira Conrado. E complementa: o discurso do ódio está longe de contribuir para a formação

de um debate plural, por apresentar a pretensão de destruir um determinado segmento social. Riva Sobrado de Freitas e Micheli Bordignon, da Universidade do Oeste de Santa Catarina, afirmam que o discurso de ódio é caracterizado por “atos de comunicação que inferiorizam uma pessoa com base em suas características (sexo, etnia, orientação sexual, por exemplo)”. Mas destacam, para que o ato de comunicação entre na categoria de discurso de ódio precisa ter dois elementos básicos: discriminação e externalidade. A discriminação seria, de acordo com o artigo, atitude de marginalização e desqualificação que insufla o ‘desrespeito pelo diferente’ e reduza o ser humano à condição de objeto, além de causar “efeitos deletérios” em suas vítimas. A externalidade é “a transposição de ideias do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto)”. Ou seja, o pensamento só se torna discurso de ódio quando é comunicado a outras pessoas.” (O que é, afinal, discurso de ódio? Disponível em: <http://senadofederal.tumblr.com/post/107305524777/o-que-%C3%A9-afinal-discurso-de-%C3%B3dio> Acesso em: 4/12/2018.)

TEXTO 2

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. Se sujeitando a trabalhar por morada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar de nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. Os homens foram se esgotando, morrendo de exaustão, cheios de problemas de saúde quando ficaram velhos. (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 220)

TEXTO 3

Figura 6 - Imagem sobre discurso de ódio



Fonte: <https://g1.globo.com/tecnologia/blog/tira-duvidas-de-tecnologia/post/facebook-saiba-como-denunciar-ofensas-e-abusos-ocorridos-na-rede-social.html>

TEXTO 4

O que é, afinal, discurso de ódio?

(...)

“Em publicação no Facebook, o Ministério da Justiça abordou o problema, associando-o à questão da liberdade de expressão: “Liberdade de expressão é o direito de manifestar livremente opiniões e ideias. Entretanto, o exercício dessa liberdade não deve afrontar o direito alheio, como a honra e a dignidade de uma pessoa ou determinado grupo. O discurso do ódio é uma manifestação preconceituosa contra minorias étnicas, sociais, religiosas e culturais, que gera conflitos com outros valores assegurados pela Constituição, como a dignidade da pessoa humana. O nosso limite é respeitar o direito do outro”. (Disponível em: <http://senadofederal.tumblr.com/post/107305524777/o-que-%C3%A9-afinal-discurso-de-%C3%B3dio> Acesso em: 4/12/2018.)

TEXTO 5

Figura 7 - Imagem do Senado Federal sobre discurso de ódio



Fonte: <http://senadofederal.tumblr.com/post/107305524777/o-que-%C3%A9-afinal-discurso-de-%C3%B3dio>

4.3 Plano de Aula 3 - Religiões e Comunidades de Matriz Africana, Espaços de Resistência e as Tentativas de Apagamento da História da População Negra - 9º ano do Ensino Fundamental

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

4.3.1 Materiais Complementares

4.3.1.1 documentos

Imagem Jornal O Imparcial

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/hJyKTyTxjgrhgdth8a6YXntn2EuBk2xEthTNp2J2h35AdzS52U EX6nXTmXgn/his9-03und02-contexto-1-imagem-jornal-o-imparcial.pdf>

Trecho do Código Penal de 1890

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/xfZccY4jRQKDpdFhkJDgJTN4HBjkJmjsFrFJM8SJprnrdXKmTXCZKtfSvRMP/his9-03und02-contexto-3-trecho-do-codigo-penal-de-1890.pdf>

Texto Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/gF9mm3UMfhC46bKBDXvTvqJtD3VUExfqsWuzxAmSf86HK7NwBmH3vHq7EDGW/his9-03und02-problematizacao-2-texto-povos-e-comunidades-tradicionais-de-matriz-africana.pdf>

4.3.2 Livro

Torto Arado, Itamar Vieira Júnior

4.3.3 Objetivo

TEMPO ESTIMADO: 2 minutos.

Para apresentar o tema aos alunos, o professor poderá projetar o objetivo da aula e ler em voz alta. Sugere-se a disposição dos alunos em grupos de três ou quatro, para facilitar as discussões.

O objetivo da aula é que os alunos percebam que os locais de prática religiosa das comunidades de matriz africana são, além do seu viés religioso, lugares de manutenção e resistência socioculturais destas etnias, pois são pontos de encontro para o fortalecimento de seus laços sociais, do momento da chegada dos africanos escravizados até os dias de hoje,

lembrando que, desde o período da escravidão, suas práticas sociais são perseguidas, atacadas, desrespeitadas.

4.3.4. Contexto

TEMPO ESTIMADO: 15 minutos

Projetar um “print” da manchete de um jornal intitulado *O Imparcial*, datado de 1920, que circulava em Salvador, na Bahia, que noticia a descoberta de um local de prática religiosa de matriz africana pela polícia e as ações tomadas por ela. Caso haja dificuldade para a leitura dos trechos textuais da imagem, no *slide* que segue, há a transcrição dos mesmos para uma melhor visualização.

Pedir que os estudantes falem sobre o que reconhecem da imagem, que tipo de documento parece ser (jornal); como está a grafia das palavras, escrita de modo diferente da utilizada atualmente e, considerando isso, qual período histórico seja provável esse documento; o que aparece na imagem (duas esculturas de representação religiosa); o que pode significar as frases que compõem os trechos textuais (“viva Ogunja” título da manchete fazendo alusão a uma divindade do candomblé, “e a polícia deu” sobre a descoberta/chegada da força policial no local, “preendeu 25 “fiéis” sobre a prisão de 25 pessoas que praticavam sua religiosidade no momento da abordagem, “apreendeu uma porção de “bozós” descrevendo os objetos/estátuas de divindades que foram apreendidos, “dous santos de pau do candomblé” legenda da foto que se refere às duas estátuas de divindades religiosas encontradas no local). Vale ressaltar aqui que o uso de aspas, em algumas palavras que aparecem no texto do jornal, demonstram menosprezo, preconceito e desrespeito em relação à religiosidade de matriz africana que era considerada feitiçaria, como se a descoberta do local e o modo da abordagem policial fossem necessários, fazendo uma analogia às práticas religiosas que ali aconteciam como se fossem crime e seus participantes como criminosos. É essencial que os alunos percebam estes elementos para que possam compreender os lugares de prática religiosa de matriz africana como locais de manutenção e resistência de sua cultura, pois a perseguição e o desrespeito acontecem ainda nos dias de hoje e há crime no desrespeito e suas formas e não na prática religiosa.

Em seguida, apresente o trecho do Código Penal de 1890, ainda vigente nos primeiros anos da República, projetando-o ou entregando cópias impressas aos grupos. Peça para que algum aluno leia os trechos em voz alta.

Após a leitura do trecho do Código Penal, lance o questionamento: Por que o uso de talismãs e práticas dos chamados curandeiros foram consideradas criminosas pelo Código Penal do período?

Esclarecer que práticas religiosas não católicas não tinham sua religiosidade respeitada pelo Estado, havendo a criminalização das práticas consideradas não convencionais.

4.3.5 PROBLEMATIZAÇÃO

TEMPO SUGERIDO: 25 minutos.

Entregue cópias impressas dos textos da problematização para os grupos. São dois trechos presentes no *site* da extinta Secretaria de Políticas de Promoção Igualdade Racial e um trecho do livro *Torto Arado*, tratando da importância da religião, das comunidades e dos povos de matriz africana para a manutenção de sua cultura.

Comente que os locais de prática religiosa são considerados espaços de sociabilidades, pois como o texto afirma, estão marcados de vivências comunitárias, ou seja, são lugares que além da religiosidade, são lugares privilegiados de estreitamento de laços, de troca de saberes, de diálogo, de encontros, enfim, de manutenção da própria cultura, em que os pares se encontram e conseguem se sentir acolhidos e protagonistas de suas tradições.

4.3.6. Sistematização

TEMPO SUGERIDO: 10 minutos.

Fomentar a discussão sobre a temática, tendo as fontes apresentadas durante o Contexto e a Problematização como ponto de partida. Mostra-se essencial que os alunos desenvolvam a reflexão da importância das religiões e das comunidades de matriz africana como espaços de fortalecimento de vínculos, reafirmação de identidades, perpetuação de tradições, acolhimento e pertencimento, vivências e manutenção socioculturais dessas comunidades, devendo haver respeito de toda a sociedade e combate contra o preconceito.

4.3.7 Proposta de atividade

Produção de um jornal onde cada grupo escreverá uma matéria jornalística, tendo como referencial as fontes, os textos e os questionamentos feitos durante a aula, tendo como eixo central o reconhecimento as religiões e as comunidades de matriz africana como lugar privilegiado da manutenção sociocultural dessas etnias. Os grupos podem ilustrar suas matérias com desenhos. Depois de entregues, sugere-se que as matérias sejam grampeadas juntas, com uma capa com o nome do jornal, que pode ser escolhido pela turma. Se houver a possibilidade, expor o jornal na escola para que outras turmas tenham acesso.

TEXTO 1

Figura 8 - Imagem sobre a fotografia e seus usos no Candomblé



Fonte: O IMPARCIAL. Salvador-BA: 20 mai. 1920 *apud* CASTILLO, Lisa Earl. A fotografia e seus usos no candomblé da Bahia. Alagoinhas-BA: Pontos de Interrogação, v. 3, nº 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1579/1040>>. Acesso em: 31 jan. 2019, p. 48.

Fonte: Revistas UNEB (2019)

TEXTO 2

Figura 9 - Decreto 847

Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 (Promulga o Código Penal).

DOS CRIMES CONTRA A SAUDE PUBLICA

Art. 156. Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos, a arte dentaria ou a pharmacia; praticar a homeopathia, a dosimetria, o hypnotismo ou magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos:

[...]

Art. 157. Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilegios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de odio ou amor, inculcar cura de molestias curaveis ou incuraveis, emfim, para fascinar e subjugar a credulidade publica:

[...]

Art. 158. Ministrare, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer fórma preparada, substancia de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o officio do denominado curandeiro:

BRASIL. Câmara dos Deputados. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 (Promulga o Código Penal). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 1º fev. 2019.

Fonte: Câmara dos Deputados (2019)

TEXTO 3

Figura 10 - Texto sobre comunidades tradicionais

Comunidades tradicionais de matriz africana

Os povos tradicionais de matriz africana se reconhecem como unidades de resistência africana no Brasil. Esses coletivos se caracterizam pela manutenção de um contínuo civilizatório africano no Brasil, constituindo territórios próprios marcados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços sociais e são uma importante referência de africanidade na sociedade brasileira.

Entre os séculos XVI e XIX, o Brasil recebeu aproximadamente cinco milhões de africanos e africanas na condição de homens e mulheres escravizados. Eles trouxeram para o país mais que sua força de trabalho, trouxeram tecnologias agrícolas e de mineração, suas culturas, saberes, tradições e valores civilizatórios.

Esses povos são originários de diversas regiões do continente africano que compreende atualmente os países de Angola, Congo, Moçambique, Benin, Togo, Gana, Guiné, Nigéria, Senegal, dentre outros. Esses africanos e africanas, a despeito de toda a violência do sistema escravista e do racismo pós-abolição, mantiveram vivas suas tradições e práticas culturais.

Três grandes matrizes culturais – Yorùbá, Bantu e Ewé Fon – conseguiram preservar muito de suas cosmovisões e saberes tornando-os marcas indelévels na história e no modo de ser e viver brasileiros. Essas matrizes culturais se re-elaboraram dando origem a territórios tradicionais, com diversas denominações, de norte a sul do país.

BRASIL. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social. Comunidades tradicionais de matriz africana. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/comunidades-tradicionais-de-matriz-africana>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

Fonte: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social (2019)

TEXTO 4

Figura 11 - Texto sobre povos de matriz matrizes africanas

(...) Foram e ainda são quilombos as comunidades de terreiro que ao longo da história do negro no Brasil mostraram ter sido o lócus de engendramento por suas características especiais de útero mítico, que possibilitou a reaglutinação dos elementos fundamentais para a manutenção do negro enquanto grupo e cultura. (SODRÉ, 1988, p.56).

Os terreiros se constituem espaços de busca do sentido de pertencimento. Embora tenham recebido diferentes denominações a depender da região do país, prevaleceu em todos esses territórios tradicionais de matriz africana, "um conjunto organizado de representações litúrgicas" que tornam esses espaços/terreiros "territórios político/mítico", lugares de resistência, transmissão de conhecimentos e preservação de identidades. Os terreiros se tornaram ao longo das décadas lugares privilegiados de manutenção, construção e reconstrução tanto da tradição quanto de sua identidade religiosa, considerando que, no caso dos Povos Tradicionais de Matriz Africana, o vínculo entre essas duas esferas é intrínseco e indissolúvel.

Os territórios, terreiros ou roças, são espaços de alta complexidade, por serem onde se ritualizam origem e destino e onde tomam forma a cultura, as representações e os valores ancestrais.

BRASIL, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Povos e comunidades tradicionais de matriz africana. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/pub-seppir/cartilha-2.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

Fonte: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social (2019)

TEXTO 5

Zeca Chapéu Grande se envergonhava de ter que deixar as calças que honravam a sua posição de liderança na fazenda, como pai espiritual, e vestir saias, emprestando seu corpo a uma mulher. Fazia porque era a sua obrigação, compromisso que havia assumido quando se curou da loucura e se fez no santo na casa de João do Lajedo, em Andaraí. Mas se envergonhava, porque a audiência era formada por seus compadres e vizinhos, que muitas vezes conduzia nos trabalhos de mutirão para a fazenda. Nessa noite, fiquei ao lado das filhas de santo que o ajudavam a se trocar durante a celebração. Os trocadores aqueceram seus tambores na fogueira acesa no terreiro. A primeira a chegar, após a ladainha e a saraivada de fogos, foi justamente a dona da festa, santa Bárbara; a caixa trazida por dona Tonha continha a saia vermelha, o adê e a espada de Iansã, todos os adornos que a santa vestiria. O quarto dos santos, onde rezavam a ladainha, tinha velas acesas e uma profusão de cores das imagens e bonecas. Havia imagens de gesso e madeira de diferentes tamanhos e estados de conservação. São Sebastião, Cristo Crucificado, o Bom Jesus, são Lázaro, são Roque, são Francisco, padre Cícero. Havia pequenos quadros, uns de cores vivas, outros desbotados, de são Cosme e são Damião, Nossa Senhora

Aparecida, santo Antônio. Havia fotografias de meus pais, da velha Donana, outras tantas, pequenas, de devotos, havia flores de papel, algumas mais novas, outras pálidas. Sempre-vivas, que colhíamos na estrada ou nas cercanias, entre as rochas. (VIEIRA JR, 2019, p. 63)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o ano de 2003, com a promulgação da lei 10639, que trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, muitos professores compromissados com essa temática têm buscado um apoio didático para o planejamento de suas aulas. Tal esforço revelou uma enorme carência de materiais dessa área do conhecimento.

Nesse viés, a implementação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), apesar de todas as críticas relacionadas à sua elaboração, pode ser vista como uma oportunidade de desenvolver atividades, como as que aqui serão propostas. Assim, a ênfase dada pela BNCC ao tratar da História da África, com suas competências e habilidades, pode oportunizar ao professor da educação básica meios variados de abordar a temática.

Nesse sentido, *Torto Arado* torna-se uma possibilidade pela maneira que traz o enfrentamento ao racismo e todas as implicações que isso envolve, como as dificuldades dos quilombolas em ter seu direito à terra reconhecido ou os preconceitos contra as religiões de matriz africana, temas de grande relevância para a atualidade, e que foram tratados pelo autor dentro de uma perspectiva de valorização da cultura negra e de resistência às tentativas de apagamento dessa cultura, resistência esta que se daria através da educação.

Quando “Bibiana contou que ela tinha feito um supletivo e no próximo ano ingressaria numa escola pública de magistério” (Vieira Júnior, 2019, p.130), compreende-se que o desejo da personagem Bibiana, narrado por sua irmã Belonísia, em *Torto Arado*, reflete a realidade da construção da carreira de muitos professores.

Assim como no caso da personagem, existe uma inquietação que move esses professores na busca de um ensino que possa efetivamente transcender uma prática rotineira e, muitas vezes, ausente de significados para aqueles que a procuram ou, como nos diz Paulo Freire, uma educação realmente libertadora e fomenta o compromisso dos educadores. No romance, a educação almejada por Bibiana só faria sentido se contemplasse a luta por justiça social, pelo direito à terra e pelo combate ao racismo estrutural.

É possível, por meio das reflexões de Pereira e Faria (2021), realizar uma analogia entre a obra de Vieira Júnior e Paulo Freire. Trata-se do artigo “Escola em *Torto Arado*: um retrato literário da importância do aprender libertador de Paulo Freire”, no qual os autores analisam o simbolismo da criação de uma escola na fazenda Água Negra.

Para ambos os estudiosos, a construção da escola representa a preocupação com a abordagem social presente na obra e as visões de educação que ali se manifestam. Enquanto Bibiana tem o desejo de se tornar professora e buscar melhoras para si e para seu povo,

Belonísia vê a educação formal como algo desnecessário, que não faz sentido para sua vida, uma vez que não se sente engajada nas atividades propostas pela professora que ensina em Água Negra, Dona Lourdes. Aqui fica evidente a necessidade da construção de uma educação inclusiva e libertadora, conforme a teoria freireana:

Para isso, vale destacar que na obra de Vieira Junior não se apresenta a teoria freireana como forma de justificar a mudança na forma de ensinar. Porém, pode-se perceber, pela leitura da obra, que as duas irmãs-narradoras e seus posicionamentos sobre a educação podem ser condutores de analogia com a obra de Paulo Freire, principalmente no que tange a divisão entre educação bancária e educação humanista. Por isso, tem-se o objetivo de buscar na narrativa de *Torto Arado* a ilustração para as proposições de Freire, mostrando como a mudança de uma educação bancária para uma educação humanista muda a forma de aprender de Água Negra. (Pereira; Faria, 2021, p. 247).

Um dos grandes momentos da narrativa é a conquista da escola para a comunidade, quando se discutem as visões de educação e seu significado. Enquanto, para Bibiana, a escola representa a possibilidade de formação de uma consciência transformadora da realidade, para Belonísia, o fato pouco ou nada representa.

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolpar o buriti. Não me atraía matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas que contavam a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. (Vieira Junior, 2019, p. 97).

A influência de Paulo Freire fica bastante evidenciada nesse trecho da narrativa, quando os autores trazem os termos educação bancária e educação humanista.

Os questionamentos de Belonísia podem se ancorar no que ensinou Paulo Freire sobre a educação bancária, assim como a prática desenvolvida por Bibiana quando passa a lhe caber o papel de professora da comunidade pode ser considerada uma forma de educação humanista – em oposição à dona Lourdes, que vinha de fora para ensinar. (Pereira; Faria, 2021, p. 251).

Bibiana, em *Torto Arado*

(...)ensinava sobre a história do povo negro, que ensinava matemática, ciências e fazia as crianças se orgulharem de serem quilombolas. Que contava e recontava a história de Água Negra e de antes, muito antes, dos garimpos das lavouras de cana, dos castigos, dos sequestros de suas aldeias natais, da travessia pelo oceano de um continente para outro. (Vieira Junior, 2019, p. 243).

Nestes trechos, são destacados a proposta de Paulo Freire para uma educação verdadeiramente libertadora. Por meio da prática docente de Bibiana, ocorre a inserção do

educando no processo educativo, ou seja, a valorização de sua história e de seu meio. De modo oposto, é a experiência de Belonísia que teve como professora Dona Lourdes, compromissada com as práticas coronelistas do lugar, evitando, assim, a conscientização e a consequente reação dos habitantes de Água Negra à situação de exploração vivenciada no cotidiano dos moradores.

Na fazenda Água Negra, há uma mobilização pela construção da escola para que haja a conscientização de toda aquela comunidade e fortalecimento do movimento em prol dos habitantes da fazenda em que se desenrola toda a trama. Do mesmo modo, na realidade, as escolas públicas têm se apresentado como um importante espaço de discussão sobre diversos temas que necessitam ser pensados quando se trata de uma educação de qualidade.

É fato que é na escola pública que os espaços para o debate em torno dessas questões se apresentam de forma clara, pelo fato de ser neste local que estão, em sua maioria, os atores envolvidos nessa busca. Este é o tema central que aflige a muitos professores atuais, como acontece com a professora Bibiana que luta por uma educação antirracista.

Entretanto, o desafio hoje está em como construir dentro das escolas uma educação antirracista. O avanço do debate em torno dessa questão trouxe obviamente uma série de conquistas, mas ainda insuficientes. Assiste-se, na atualidade, uma mudança de comportamento no que se refere ao uso de termos, piadinhas e outros comportamentos racistas, comportamentos que, há pouco tempo, não seriam problema, pelo contrário, eram frequentemente utilizados nos mais variados meios, no privado, no público e até em programas de televisão de grande audiência. Dessa maneira, o fato de tais comportamentos serem inconcebíveis, deve ser enxergado como um avanço, porém, não é o bastante.

Bárbara Carine Soares Pinheiro em seu livro, *Como ser um educador antirracista*, traz algumas reflexões acerca dessa problemática. A autora discute a necessidade de todos se envolverem na busca pela eliminação do racismo. E, para isso, é importante que não o façam por força de uma lei, no caso a 10639 de 2003, que trata da obrigatoriedade do ensino de cultura afro nas escolas, mas sim pela conscientização de que é preciso ser antirracista.

Este não deve ser visto apenas como um papel a ser desempenhado por professores negros somente, mas por todos, já que a luta não é contra os brancos, e sim contra a branquitude. A dificuldade aqui encontrada pode estar relacionada em reconhecer a existência do racismo estrutural. Para aqueles e aquelas que sempre se beneficiaram do conceito de branquitude, “...que não é necessariamente sobre a cor da pele, mas sobre os acessos sociais que a cor da pele garante.” (Pinheiro, 2023, p.55), talvez seja incompreensível a ideia de racismo estrutural. Nesse sentido, é necessária uma formação, com discussão acerca das razões históricas do racismo.

Por mais antirracista que a pessoa branca seja, ela se beneficia do racismo, mesmo se quiser. E é disso que todo/a educador branco/a precisa se conscientizar, no mínimo. Nesse sentido, pautamos o fim da branquitude e, reforço, isso não versa sobre o extermínio de pessoas brancas, mas sobre o fim do sistema social que as privilegia. (Pinheiro, 2023, p.56)

A partir dessa perspectiva, o professor e a professora da escola pública assumem a função de discutir e, por conseguinte, possibilitar àqueles que não enxergam ou hesitam em enxergar a realidade que impera no Brasil, ou seja, a existência de fato do racismo estrutural, integrado à organização econômica e à política da sociedade, como nos diz Silvio Almeida (2019).

Dessa maneira, para um professor ou professora que se propõe assumir uma postura antirracista, o ponto de partida pode estar em desmistificar a suposta democracia racial aqui existente, visto ser este o argumento de muitos que defendem, intencionalmente ou não, a sua existência.

Outrossim, quando se fala de pessoas negras e não negras, parte-se do conceito fenótipo, o que torna ainda mais evidente a constatação de que há uma segregação embasada em características, como cor de pele, tipo de cabelo, formato de bocas e narizes. É evidente, então, que o fenótipo determina as abordagens policiais ou que os grupos mais presentes nas cadeias e presídios são os de pessoas negras ou que quem ocupa as funções mais bem remuneradas são os brancos, entre tantas outras situações. Uma observação simples possibilitaria constatações rápidas e certeiras e elas já seriam um encaminhamento para provocar uma série de reflexões e estimular a busca por respostas para tantas indagações que circundam a desigualdade e a violência no país.

É preciso, por isso, que todos, verdadeiramente imbuídos em promover uma educação antirracista, assumam seu lugar de fala, seja negro ou não negro. Lugar este que é o de quem vivencia e se indigna com as constatações racistas que estão introjetadas no meio político, social e econômico.

Ainda dentro desta lógica de construção de uma educação antirracista, é importante trazer a filosofia Ubuntu: “eu sou porque nós somos”, também abordada por Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023). Trata-se de valorizar a coletividade, ou seja, não valorizar o “eu”, mas sim o “nós”. Essa filosofia é uma prática das culturas africanas, mas, transpondo-a para a realidade brasileira, é pertinente uma adaptação, o “nós” sendo visto como nós comunidade negra, quando um autor como Itamar Vieira Júnior, baiano, negro, traz esta pauta para o debate.

Dessa maneira, é essencial a valorização para este autor que deu visibilidade para essa literatura escrita por mãos negras, parafraseando Beatriz Nascimento (2021).

Portanto, é imprescindível que pesquisadores leiam e estudem os autores negros para que também deem visibilidade as suas obras. Esse posicionamento político tem também o objetivo de fazer com que jovens escritores negros se reconheçam na literatura, um espaço, como tantos outros, dominados ainda pela branquitude.

Tal afirmação sustenta-se na evidência de que poucos foram os negros que se destacaram neste campo em razão do racismo. Alguns que despontaram como grandes nomes da literatura clássica tiveram ocultados por muitos anos de sua biografia a negritude, sendo revelada bem tardiamente, quando passa a ser valorizada, mesmo que timidamente, essa importante característica neste espaço de luta, como o caso do escritor Machado de Assis. A esse respeito, diz Elias (2016): “Muitos sequer sabem que ele era mestiço, possuía raízes negras, enquanto outros negam essa negritude, colocando-o como um negro de mãos brancas que permanecia ausente às questões de sua raça.” (p. 35). Ou ainda:

As obras machadianas revelam certa independência com relação às escolas literárias e estilos dominantes em seu tempo. O literato busca contribuições nessas tendências, como o Romantismo, mais presente na primeira fase de sua obra, e o Realismo, que circunscreve a segunda fase de seus escritos, mas sem a elas se filiar. Machado de Assis era mulato, epilético, gago e pouco frequentou escola, porém, mesmo autodidata, com argúcia, produziu uma obra que captou o social e suas contingências, produzindo, com ironia, ricas representações da realidade cultural da época e lugar em que vivia. (ELIAS, 2016, p. 21).

Analisando o trabalho de Elias (2016), é possível comparar as trajetórias de Machado de Assis e Itamar Vieira Júnior, escritores negros que vivenciaram experiências semelhantes em tempos distintos, carregadas de dificuldades em razão das origens negras de ambos, mesmo que Machado de Assis tenha vivido no século XIX e Itamar Vieira Júnior seja um escritor de século XXI.

Ademais a dedicação e a persistência são características presentes na vida dos dois autores. Itamar Vieira Júnior só vai ter o reconhecimento, como escritor em *Torto Arado*, após conseguir publicá-lo e conquistar do prêmio Leya em Portugal. Como dito anteriormente, essa foi uma forma encontrada pelo autor a fim de dar visibilidade ao livro, já que não dispunha de meios para publicar no país. É um escritor que, até a publicação de *Torto Arado*, ganhava a vida como funcionário público, o que também lhe permitiu conhecer de perto a vida e a luta de comunidades rurais pelo Brasil, inspirando-o na escrita do romance.

Machado de Assis, por sua vez, tem uma trajetória bastante parecida, já que, como destaca Jesiele Elias (2016), foi um menino mulato que trabalhou em livrarias, tipografias passou a publicar poemas o que lhe daria visibilidade e ascensão social, fato que precisa ser destacado. Desse modo, foi inserido nessa tentativa de construção de uma educação antirracista, realidade de inúmeros escritores e escritoras negras do Brasil.

Ao se valer da literatura machadiana, devemos esclarecer suas origens sociais e étnicas e enfatizar que ela nos revela um retrato das relações urbanas na sociedade fluminense de seu tempo, em geral, e deixa também, em específico, imagens daquelas em que os negros estiveram inseridas. Percorrer esse espaço literário e ater a seus personagens abre caminhos para a construção de uma nacionalidade mais tolerante e solidária. (Elias, 2016, p. 35).

Isto posto, é necessário pensar nas atividades pedagógicas com a finalidade de analisar a história do Brasil a partir da leitura de *Torto Arado*. Abre-se, desse modo, a possibilidade para a elaboração de projetos transdisciplinares que privilegiem a leitura, a escrita e a pesquisa. Assim sendo, o produto final deste trabalho será uma proposta de atividades que envolvam além do estudo do texto, reflexões acerca das dificuldades e enfrentamentos relativos ao ser negro no Brasil de hoje, como o racismo, o acesso à terra e a intolerância religiosa.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria Virginia A. A Relação entre Terra, Natureza e Modo de Vida entre Camponeses no Romance “Torto Arado”. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v. 18, n. 3, p. 198 -208, 2023. ISSN: 1980-9735. DOI: <https://doi.org/10.33240/rba.v18i3.23766>
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo. Pólen, 2019.
- BENATTI, André R. “Memórias da exploração em *Torto Arado*”. In: PEREIRA, Danglei de Castro. SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. *A insustentável leveza: a literatura e sua análise*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literatura, 2021.
- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo. Pólen, 2019.
- BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. São Paulo. Pólen, 2019.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. *Revista de Teoria da História*. Ano 1, Número 3, 2010. Universidade Federal de Goiás.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.”
- BRUGNARO JÚNIOR, Maurício. *Elogio a Torto Arado: uma literatura reencantada da realidade*. Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/elogio-a-torto-arado-uma-literatura-reencantada-da-realidade/> Acesso em: 03 nov. 2023
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Inscrições do real em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v.12, número 1, janeiro-junho, 2021.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro. Forense Universitária 1982.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2009.
- COSTA FILHO, José Willames Pereira da Costa. *Proposta tradutória de expressões regionais que refletem fenômenos sociais, em Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior. João Pessoa, 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.
- ECO, Umberto. (Org.) *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- ELIAS, Jesiele Martins Borges. *Educação, instrução e comportamento das crianças e adolescentes fluminenses no século XIX por meio de algumas Obras de Machado de Assis*

(*Rio de Janeiro – 1805/1894*). 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Depoimento. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado*. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

FAULKNER, William. Torto Arado e o encontro com o Brasil. *Nova Perspectiva Sistêmica*, v. 30, n. 70, p. 114-117, agosto 2021.

FERNANDES, Joyce. O Legado traumático da escravidão em *Torto Arado*. *Revista Entrelaces* • V. 11 • No 23 • Jan.- Mar. (2021) • ISSN 2596-2817

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.

GARCIA, Renísia Cristina. *Identidade Fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira- 1995-2005*. Brasília, INEP, 2007.

HERRERA, Adianys González. *Torto Arado: la tierra como fundamento de la (re)construcción de una identidad étnica – entre la esclavización y la resistência*. *Revista Tabuleiro de Letras*, v. 15, n. 01, p. 245-249, jan./jun. 2021.

LIMA, Mirella Márcia Longo Vieira. Algumas palavras sobre *Torto Arado*. *Afro-Ásia*, n. 64 (2021), p. 734-739.

LIMA I, Maria Izabella Souza de. Contra o apagamento da história: reescrevendo a história negra por meio ficcional em *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior. *Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: saberes plurais e resistências - Volume 1*. pp 2.286 - 2.299. 2021.

MATTOS, Ricardo Mendes. O processo de criação de *Torto Arado*: o agente público, o cientista e o escritor. *Instituto de Psicologia – IP Universidade de São Paulo – USP São Paulo, Brasil*. 2021.

MOLINERO, Bruno. “A escravidão não acabou no Brasil”, diz Itamar. *Folha de São Paulo*, 26/10, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/a-escravidao-nao-acabou-no-brasil-diz-itamar-vieira-junior-de-torto-arado.shtml>, acesso em 27 jul. 2022

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos; organização Alex Ratts. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NAVARRO, Eliziane e col. Cobrir e mostrar a cara: a recuperação do romance histórico no século XXI em *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior e Formas de voltar para casa de

Alejandro Zambra. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 36: *Tempos, memórias, histórias*, jul.-dez. 2020, p. 5-20.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância Religiosa*. São Paulo. Pólen, 2020.

NORO, N. S., & GONÇALVES, M. A. G. (2022). Uma história de amor pela terra: o fenômeno literário de Torto arado – entrevista com Itamar Vieira Junior. *Via Atlântica*, 23(1), 530-559. <https://doi.org/10.11606/va.i41.188769>

PEREIRA, Gislene. Propriedade da terra: um conceito em duas linhas. *Rev. Prod. Desenvolv.*, Rio de Janeiro, v.7: e546, Jan-Dez, 2021.

PEREIRA, Mariana Fernandes, e FARIA, Gustavo. Escola em Torto Arado: um retrato literário da importância do aprender libertador em Paulo Freire. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, Edição Especial, p. 247-258, set. 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil 2023.

PINTO, Ubiratan Machado. A cabeça do santo e *Torto Arado*: ressonâncias da violência social e racial no Brasil contemporâneo. *Darandina*, revista eletrônica. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários – UFJF/Vol 14 – N. 2. 2021.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1992

PUBLICA (ED.). *Itamar Vieira Junior e seu 'Torto Arado'*, uma declaração de amor à terra. fev. 2021. Disponível em: <https://apublica.org/2021/02/itamar-vieira-junior-e-seu-torto-arado-uma-declaracao-de-amor-a-terra/> acesso em: 27 jul. 2022

QUADROS, Dênis Moura de. A construção das protagonistas afro-brasileiras em *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 15, n. 2, p. 004-018, maio./ago. 2021.

RIBEIRO, Guilherme. Resistência e esperança: lições em tempos de guerra, *Espaço e Economia* [Online], 21 | 2021, posto online no dia 12 julho 2021.

RESENDE, Joelma de Araújo Silva e col. A resistência da mulher negra em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr. *Revista de Literatura, História e Memória*. Unioeste /Cascavel - p. 24-36 V. 17 – N. 30 – 2021.

RÜSEN, Jorn. “Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. In: SCHIMIDT, BARCA e MARTINS (Orgs.). *JÖRN RÜSEN e o ensino de história*. Curitiba: Editora UFPR, 2014.

RÜSEN, Jorn. *História viva. Teoria da História*. Formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Resende Martins. Brasília. Editora: Universidade de Brasília. 2007.

SALES, Karina Lima. Torto Arado: ancestralidade negra costurada ao tempo e à terra. *Missangas: estudos em literatura e linguística* vol. 1, número 1, jul – dez, 2020

SILVA, Cleuber Aparecido. *Centenário da Abolição: discursos impressos*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 1998.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 1ª ed, 2019.